



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Vivemos uma crise de valores?

Não poucos garantem que o Brasil vive terrível crise de valores. Vivemos? É tão grave assim? Nem a vida, como valor supremo, restou de prontidão! O que dizer, então, de honestidade, disciplina, respeito ao próximo, ética? Para onde olhamos encontramos circunstâncias e fatos negativos que não mais mexem com a indignação. Parece estar nisso o surpreendente, ou seja, tudo parece fazer parte da normalidade, por mais mórbida e inaceitável que ela seja.

Entre os anos de 2002 e 2014 640 mil brasileiros foram assassinados. Simples assim. A maioria perdeu a vida por banalidades. Por nada matamos, em média, mais de 53 mil por ano, quantia que a guerra na Síria, iniciada em 2011, somente supera em 2014, tido como o ano mais sangrento do conflito. A ONU considera epidemia quando o país registra 10 assassinatos por cem mil habitantes e nós aqui, em alguns estados do nordeste chegamos a 29 por cem mil. Pois é, justo quando mais gente sai da pobreza, mais aumenta o número de assassinatos entre nós...

No mesmo período 490 mil brasileiros deixaram suas vidas em nossas estradas e em nossas ruas. Quanto custa isso em lágrimas e em dinheiro?

Os índices de violência contra a mulher e contra as crianças (52% delas entre 9 e 13 anos) tem mostrados crescentes números macabros difíceis de serem entendidos.

No campo da corrupção o escândalo na Petrobrás é a parte visível e badalada do salve-se quem puder que tomou conta do cotidiano. Estudos como o da PUC do Rio de Janeiro dizem que o Brasil despeja 50 bilhões de dólares por ano pelo ralo da corrupção.

Entre nós tudo vai ficando superlativo: os assaltos a banco já são contados por dia e os roubos de veículos são contados por minutos; em 2013 a Polícia Rodoviária Federal prendeu 34 mil brasileiro em nossas rodovias por crimes diversos.

As coisas que ocorrem no cotidiano vão se tornando cada vez mais esquisitas e nos anestesiando. É a impressão. O novo governador de Brasília, Rodrigo Rollemberg, por exemplo, teve que demitir o novo diretor do Detran do Distrito Federal antes que ele tomasse posse, porque ele estava todo enrolado com o próprio Detran.

Entidade da área empresarial diz que os furtos e fraudes causam prejuízos acima de dois bilhões ao varejo brasileiro. Em São Paulo o Ministro da Justiça, vamos repetir, o Ministro da Justiça José Eduardo Cardozo estacionou seu flamante veículo em local proibido. E aí, caburé, como fica? Cara pálida, a quem reclamar? O homem é poderoso e estaciona no lugar quiser! Nessa linha, ali no nosso Boqueirão, um cidadão estacionou seu flamante veículo em cima do carteiro central. Claro, tudo fica por isso mesmo.

Juiz de Direito – o estágio que chegamos! – dar carteiraira virou moda. Pego dirigindo irregularmente ou chegando atrasado no aeroporto suas excelências se sentem no direito de perguntar: "você sabe com quem está falando". Nada, mas nada mais típico de uma republiqueta de banana do que essa expressão.

Dia desses um cidadão passo-fundense, com cara de pau tipo exportação, furou a fila alegando que estava com pressa. Sim, ele estava apressado e se sentiu no direito de desrespeitar seus semelhantes ao invés de levantar cedo. Ali no mercado a senhora elegante dirige contramão para ocupar, indevidamente, vaga no estacionamento. Ela estava com pressa. Outro estacionou na vaga destinada a deficiente físico porque ela estava vazia. Sacaram o raciocínio? Esses fatos não são exceções, fazem parte da rotina.

Novembro de 2014 registrou 175.529 tentativas de fraude conhecida como roubo de identidade, em que dados pessoais são usados por criminosos para firmar negócios sob falsidade ideológica ou mesmo obter crédito com a intenção de não honrar os pagamentos, de acordo com o Indicador Serasa Experian de Tentativas de Fraude – Consumidor. Quando a isso alinhamos as fraudes no leite, do gelo no peixe, da água na carne bovina e etc. e etc. podemos concluir que realmente estamos passando por uma crise de valores. Ou não?

Membro da Academia Passo-fundense de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Por qual motivo PT desanca a Presidente?

Transitamos pelo inusitado na política nacional: em matéria críticas endereçadas à presidente Dilma Rousseff a oposição dificilmente superará o que está fazendo o Partido dos Trabalhadores. Janeiro foi pródigo em manifestações ácidas da situação, roubando a cena e deixando a oposição sem discurso. Isso tudo num clima de decepção envolvendo parcela significativa da população pelas medidas adotadas no campo econômico que contrariam o discurso de campanha do ano passado.

A favor do PT, é necessário reconhecer, ninguém entre as 32 siglas que conformam a salada de letrinhas do nosso esquizofrênico universo partidário tem mais competência para fazer dura e terrível oposição. Nesse quesito, então, nada a estranhar! Mas cabe a indagação: estão dando tiro no próprio pé? Não recordo algo assim, de um partido se portar como oposição em relação a um presidente. Tem algo mais no ar!

Leiam com atenção o que segue: "Temos vivido crises de todos os tipos: crise econômica, política, moral, ética, hídrica, energética e institucional. Todas elas foram gestadas pela ausência de transparência, de confiança e de credibilidade. Se tivesse havido transparência da condução da economia no governo Dilma, dificilmente a presidente teria aprofundado os erros que nos trouxeram a esta situação de descabro". Confessem, é ou não é um primor de crítica, feita por um oposicionista radical, disposto a ver o circo pegar fogo?

Como todos já sabem, o texto reproduzido da imprensa paulista e endereçado à presidente da República é de autoria da senadora Marta Suplicy, do PT de São Paulo. Para a polêmica senadora "a presidente Dilma faz a vaca tossir de tanto engasgar." Pode? A dureza dessas palavras deve ser avaliada num contexto mais amplo. Está ocorrendo algo que nossa vã filosofia ainda não percebeu na totalidade? Essa avalanche de pedradas endereçada à presidente inclui desde a raia miúda espalhada pelo Brasil a fora até dirigentes da Fundação Perseu Abramo, do PT, o vice presidente do partido, Alberto Cantalice, o ex-ministro José Dirceu, que embora condenado pelo escândalo do mensalão detém enorme prestígio dentro da sigla.

As críticas começaram em cima de ministros, como Katia Abreu da Agricultura, e Joaquim Levy, da Fazenda, passaram pelo petista Aloisio Mercadante e chegaram com toda aspereza na presidente. Sintomática foi a crítica feita pelo prefeito Luiz Marinho, de São Bernardo do Campo, considerado porta-voz do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva; sua manifestação escancarou o racha existente no PT. "A vaca está tossindo, porque ela está mexendo e se afastando das políticas sociais", diz o cientista político da Universidade de São Paulo (USP) Antônio Carlos Mazzeo, fazendo referência ao embate entre Dilma e sua ex-ministra Marta Suplicy, que acusou a presidente de não cumprir com as promessas de campanha.

Esse ambiente nacional deteriorado – que tem na crise econômica um fator desestabilizador – pode piorar a partir da posse dos novos integrantes do Senado e da Câmara Federal por causa de sequelas deixadas pela campanha eleitoral de 2014. A oposição prometeu não dar trégua à presidente neste segundo mandato de Dilma Rousseff e isso talvez se reforce com essa ajuda extra proporcionada pelo partido da presidente. Emoções fortes parece que não faltarão e são bem vindas desde que o País não pague o pato.

Membro da Academia Passo-funde de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Por qual motivo PT desanca a Presidente?

Transitamos pelo inusitado na política nacional: em matéria críticas endereçadas à presidente Dilma Rousseff a oposição dificilmente superará o que está fazendo o Partido dos Trabalhadores. Janeiro foi pródigo em manifestações ácidas da situação, roubando a cena e deixando a oposição sem discurso. Isso tudo num clima de decepção envolvendo parcela significativa da população pelas medidas adotadas no campo econômico que contrariam o discurso de campanha do ano passado.

A favor do PT, é necessário reconhecer, ninguém entre as 32 siglas que conformam a salada de letrinhas do nosso esquizofrênico universo partidário tem mais competência para fazer dura e terrível oposição. Nesse quesito, então, nada a estranhar! Mas cabe a indagação: estão dando tiro no próprio pé? Não recordo algo assim, de um partido se portar como oposição em relação a um presidente. Tem algo mais no ar!

Leiam com atenção o que segue: "Temos vivido crises de todos os tipos: crise econômica, política, moral, ética, hídrica, energética e institucional. Todas elas foram gestadas pela ausência de transparência, de confiança e de credibilidade. Se tivesse havido transparência da condução da economia no governo Dilma, dificilmente a presidente teria aprofundado os erros que nos trouxeram a esta situação de descalabro". Confessem, é ou não é um primor de crítica, feita por um oposicionista radical, disposto a ver o circo pegar fogo?

Como todos já sabem, o texto reproduzido da imprensa paulista e endereçado à presidente da República é de autoria da senadora Marta Suplicy, do PT de São Paulo. Para a polêmica senadora "a presidente Dilma faz a vaca tossir de tanto engasgar." Pode? A dureza dessas palavras deve ser avaliada num contexto mais amplo. Está ocorrendo algo que nossa vã filosofia ainda não percebeu na totalidade? Essa avalanche de pedradas endereçada à presidente inclui desde a raia miúda espalhada pelo Brasil a fora até dirigentes da Fundação Perseu Abramo, do PT, o vice presidente do partido, Alberto Cantalice, o ex-ministro José Dirceu, que embora condenado pelo escândalo do mensalão detém enorme prestígio dentro da sigla.

As críticas começaram em cima de ministros, como Katia Abreu da Agricultura, e Joaquim Levy, da Fazenda, passaram pelo petista Aloisio Mercadante e chegaram com toda aspereza na presidente. Sintomática foi a crítica feita pelo prefeito Luiz Marinho, de São Bernardo do Campo, considerado porta-voz do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva; sua manifestação escancarou o racha existente no PT. "A vaca está tossindo, porque ela está mexendo e se afastando das políticas sociais", diz o cientista político da Universidade de São Paulo (USP) Antônio Carlos Mazzeo, fazendo referência ao embate entre Dilma e sua ex-ministra Marta Suplicy, que acusou a presidente de não cumprir com as promessas de campanha.

Esse ambiente nacional deteriorado – que tem na crise econômica um fator desestabilizador – pode piorar a partir da posse dos novos integrantes do Senado e da Câmara Federal por causa de sequelas deixadas pela campanha eleitoral de 2014. A oposição prometeu não dar trégua à presidente neste segundo mandato de Dilma Rousseff e isso talvez se reforce com essa ajuda extra proporcionada pelo partido da presidente. Emoções fortes parece que não faltarão e são bem vindas desde que o País não pague o pato.

Membro da Academia Passo-funde de Letras



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A raposa no galinheiro ou o banqueiro da esquerda?

O mundo acontece no reino das contradições. O militante partidário, hipnotizado pelo centralismo democrático (não seria dogmático?), jamais admite. A contradição nos move sem notarmos, o raciocínio patina (mesmo quando nos achamos revolucionários): o que almejamos alcançar nos cega sobre o real. Nada de novo, sei por experiência como o militante sectário se transforma rápido no babaca ridículo a vomitar asneiras.

Três singelos exemplos mostram a complexidade do campo das contradições.

UM - Não há coisa mais abominável para o militante de partido no poder do que a crítica, o livre pensar, a imprensa livre. Isso é fantástico, em regra o cara que luta por democracia adora impor ditaduras quando assume o comando. Contradição? Sim!

DOIS - Lançado em 1848 o Manifesto Comunista, escrito pelos fundadores do socialismo científico Karl Marx e Friedrich Engels é tido, historicamente, como um dos tratados políticos de maior influência mundial. Após o golpe dado por Lenin na Rússia em 1917, o século passado foi movido pela visão utópica embutida nas ideias do cara atormentado por hemorroidas. Marx, após passar uma tarde sentado num banco duro da Biblioteca Britânica teria dito que a burguesia ainda lamentaria suas hemorroidas. Até agora apenas os fracos e oprimidos pagaram pelo veneno produzido pelas hemorroidas.

Marx fez a cabeça (ainda faz embora os crimes hediondos de seus seguidores) de miríades de intelectuais. Quando se soma as experiências, chinesa, cambojana, cubana, russa, norte-coreana, albanesa, ou seja, o resultado dos governos marxista-leninistas (mais de 100 milhões de mortos), ou governos só socialistas, ou algo derivativo, como bolivariano ou as dezenas de experiências efêmeras como a República Socialista dos Trabalhadores da Finlândia, as tentativas na Índia e na África, o Século 20 foi o maior laboratório para as ideias que visavam sepultar o capitalismo e trazer o paraíso.

O que sobrou de positivo decorridos 177 anos dessa intoxicação ideológica? O que deu certo? Nada, absolutamente nada foi produzido de útil por essas experiências. O que tivemos foi tirania em cima de tirania, terror puro e simples, assassinatos em massa sem que a intelectualidade aprendesse algo capaz de produzir nova utopia. É ou não é terrível contradição?

TRES - O ministro Joachim Levy colocará nossa economia nos eixos? Sim, se não atrapalharem! Tem currículo. É o homem certo no lugar certo. Foi professor da Fundação Getúlio Vargas, atuou no FMI, foi vice-presidente do BIRD e economista visitante no Banco Central Europeu. Foi secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda e economista-chefe do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão de FHC (está entre os responsáveis por entregar a economia redondinha ao Lula). Foi secretário do Tesouro Nacional, secretário da Fazenda do Rio de Janeiro e no Banco Bradesco ocupava o cargo de diretor-superintendente quando foi nomeado ministro da Fazenda no segundo mandato do governo Dilma Rousseff. O homem sabe o que faz!

Sacaram? No universo das contradições nossa economia será salva (sem ironia, creio mesmo que Joachim Levy pode nos tirar do buraco) por banqueiro (há "banqueiro de esquerda"?), o tipo mais odiado por quem assumiu o governo sob a cantilena do socialismo. Ou, melhor ainda, pela primeira vez o galinheiro estará salvo e voltará a ser produtivo sob os cuidados do olhar aguçado da raposa? Salvem as contradições.

Resumo da ópera: para que serve militante intoxicado? Apenas para engordar no poder os que traíram os princípios mais comezinhos de determinado período histórico.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Nicolás Maduro, o papel higiênico e os americanos

Nicolás Maduro, o caricato tiranete da Venezuela que reza para o Santo Hugo Chávez, culpa os Estados Unidos pela falta de papel higiênico. Isso, isso, isso, por causa do americano o venezuelano anda com o traseiro sujo! Pode? Ora, ora, ora, seu Barack Obama, como você faz uma coisa dessas? Caramba, pensei com meus botões: qual a vantagem da maior potência do Planeta deixar o venezuelano andar de bunda suja?

Pelo sim, pelo não, Maduro chegou a um acordo com Trinidad e Tobago para trocar petróleo e asfalto por produtos de primeira necessidade, entre eles papel higiênico. O caricato governante segue a cartilha da "esquerda" mundial ao pé da letra, ou seja, há sempre um culpado por seus fracassos. Nesse caso sem originalidade!

Ao que consta a mesma tática os americanos aplicaram em Cuba! Estive na ilha e todos com quem conversei se queixaram da falta de papel higiênico. Isso, isso, isso, da falta de papel. Os cubanos andavam (e andam) de bunda suja por culpa do "bloqueio americano" garantiu o garoto da Juventude Comunista que trabalhava como garçom num hotel em Varadero. O interessante é que nos hotéis luxuosos (como os Meliá) e nos quais cubanos só podem entrar como serviçais o papel higiênico é macio e abundante. Eis a contradição genial: papel higiênico é para o traseiro delicado dos burgueses. Ou seja, socialista/comunista não precisa limpar as partes pudendas (e a mulher não necessita de absorvente íntimo, outro produto inexistente nesses regimes).

Nos banheiros das casas que entrei em Havana (o mesmo se deu em Cienfuegos) o jornal Gramma (órgão oficial do Partido Comunista Cubano) era cortado em pedaços simétricos e posto num arame para uso do vivente. Os cubanos faziam (ainda devem fazer) fila para comprar o jornal por causa desse uso mais nobre – vamos dizer assim – que davam (e ainda devem dar) ao órgão oficial da tirania castrista. Não é gozação, o vibrante Gramma (único jornal da Ilha, ali imprensa burguesa decadente não vinga) tem valor extraordinário na hora de limpar a bunda do povo.

Janer Cristaldo foi dos primeiros jornalistas a escrever sobre a incompatibilidade entre socialismo/comunismo e papel higiênico. Ele disse: "Nas rápidas incursões que fiz a países soviéticos, era o primeiro problema a resolver no hotel. Jamais havia papel no banheiro, era preciso reivindicá-lo na portaria. O funcionário perguntava então quantos dias você ficaria, avaliava no olhômetro a metragem que você necessitaria e a destacava do rolo. Mais papel, só pedindo de novo".

Algo semelhante ouvi de outros patrícios que se aventuraram pelo paraíso da ex-Cortina de Ferro: ter papel higiênico sempre foi desafio nos países socialistas-comunistas e, agora, bolivarianos. Trata-se mistério a inapetência desses governos em manter a bunda limpa de seus cidadãos.

Levanto hipótese que terá validade até que a ciência ache explicação plausível para as dificuldades de governos socialistas-comunistas garantirem bunda limpa a seus cidadãos. Como tais governos – a história prova – são também inapetentes para produzir comida (feijão, arroz, batata, carne, essas coisas) jamais se preocuparam em ter tecnologia para produzir papel higiênico. É uma tese.

Mas, reconheça-se, na dialética do cotidiano eliminaram uma contradição de seus povos geraram nova síntese: quem não come não defeca e, por decorrência, não precisa limpar a bunda. Genial. Marx deve estar se revirando no caixão.

Membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Os protestos & a corrupção

Depois da maratona da sexta-feira 13 e do domingo 15 em que milhares sacudiram a poeira da passividade, algo ficou claro: caso a corrupção não tivesse alcançado o nível estratosférico de hoje ninguém teria saído de casa para protestar. Tanto na peregrinação de sexta, simpática ao governo, quanto na de domingo, áspera ao Palácio do Planalto, os gritos contra a corrupção foram ouvidos em todos os quadrantes.

A pauta de reivindicação foi ampla: segurança, educação, saúde, juros, menos impostos, gasolina mais barata. Os pedidos foram aos extremos, ou seja, do fora PT, impeachment para Dilma e até, pasmem, ao retorno dos militares ao poder. Entre tais motivações nada que não ocorra em qualquer sociedade democrática, mesmo quando se aponte alguns exageros. Ao final e ao cabo ficou, para felicidade geral, tudo dentro do pluralismo cujo limite é o pacto social que mantém a democracia.

Merece destaque quem usa de dois pesos e duas medidas com cara de pau. Logo que o FHC assumiu seu segundo mandato o PT foi às ruas com um "fora FHC", algo tido como exercício democrático e não golpismo. Por que, então o "fora Dilma" (tão ridículo quanto o outro!) é tido como golpismo? A linguagem da pelegada não é fácil.

Repetimos: nos mar de reivindicações que tirou o brasileiro do comodismo um ponto de convergência esteve presente nas manifestações de rua: a corrupção. Como salientamos, teve de tudo, mas nada que, individualmente tivesse força suficiente por si só para mobilizar quase dois milhões de brasileiros.

A sutileza, nos dias de hoje, quando se fala em corrupção, é se ela seria a maior da história. Perceberam a ironia? Para quem é de direita, para quem se situa no centro, para quem se diz de esquerda a corrupção está nos engolindo. A incógnita é se ela é a maior da história! Dizer que "nunca antes se roubou e se corrompeu tanto neste país" ofende ouvidos mais sensíveis.

Quando alguém ousa dizer que "nunca se roubou tanto" é logo contestado com fúria. Sobre esse tema tão caro para o momento nacional um amigo me remeteu texto do jornalista Juca Kifouri, que, em dado momento afirma categoricamente: "vamos parar com a hipocrisia de dizer que jamais se roubou tanto porque isso simplesmente não é verdade." Vamos lá, diante de minhas limitações indago, sem querer ofender: corromper menos pode? Roubar menos pode?

Acho isso genial, sim, estamos roubando, mas houve um tempo que roubavam mais! Quem roubou mais? Afirmção dessa natureza torna-se tragicômica quando lembramos que os atuais ocupantes do Palácio do Planalto liderados pelo PT (na sopa de letrinhas tem PMDB, PSD, PP, PR, Pros, PDT, PCdoB e PRB) chegaram ao poder como depositários da ética, da honestidade, da moral. Essa afirmação leva a crer que se o time do PT está roubando menos do que já roubaram então está tudo bem?

Santa ingenuidade de quem acreditou que o pessoal que estava nas ruas nos idos de 1964 berrando contra a corrupção faria diferente ao chegar ao poder! A tal de "esquerda" tem se mostrado mais eficiente do que a direita na hora de botar a mão na grana dos outros.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A utopia, a dor, o legado da esquerda & o banqueiro

A indicação de Joaquim Levy, executivo de banco de credibilidade internacional para Ministro da Fazenda do Brasil, governo que a militância diz ser de esquerda, me leva refletir com os meus botões e o cadarço. Gravem isso: mercado e bancos confiam nele. A missão de Levy é tranquilizar o mercado (para a esquerda mercado é invenção capitalista), acalmar banqueiro (a esquerda diz que banco é criação capitalista) e por a economia nos eixos porque o Mantega, cara de esquerda, fez cacaca.

Sempre que tais contradições gemem indago: o que leva alguns quererem tirar leite de pedra? A resposta é a mesma: se Thomas Morus não inventasse a palavra utopia a tal de esquerda seria realista, não produziria tanta dor em vão. Quando fixo algum lugar do passado – por exemplo, Valinhos-SP, onde em 67 a UNE ludibria a repressão e seu congresso elege Luiz Travassos, da AP, para presidente – recorro de papos sobre o que fazer no poder para acabar com injustiças sociais. Com “camaradas” de outras siglas (as siglas de esquerda representando partidos ou seitas sempre brotam aos borbotões) ali nós, a vanguarda revolucionária, começávamos a firmar convicção: só a esquerda acaba com bancos e o mercado, causas de todos os males do Planeta.

Na época achávamos que a maioria do mundo ia rápido ao socialista (apenas o imperialismo americano resistiria). Já vislumbrávamos a sociedade sem classes aqui no Brasil e, com a parúsia chegando, quebrávamos o pau contra o arbítrio. Nossos olhos, corações e mentes estavam no novo. Um Brasil que copiaria a experiência maravilhosa dos camaradas Stálin, Lênin, Mao, Fidel e toda a geração de genocidas que os seguiram e que admirávamos pela cegueira da utopia embrulhada numa conversa que, 50 anos depois, bate na mesma tecla furada. E bate na mesma lengalenga inclusive com doutos intelectuais tupiniquins que vicejam até em universidades pregando teorias mofadas, carcomidas pelos cupins e manchadas com o sangue de milhões de inocentes.

A utopia que moveu o mundo no século passado só produziu muita dor e sangue. A utopia que buscava superar as injustiças sociais só produziu mais injustiça. Qual o legado deixado pela utopia de esquerda a partir de 1917 na Rússia? Quem parou para pensar? Na economia, na política, na ciência, na tecnologia, o que deixou de útil para a humanidade esse movimento de esquerda que varreu quase todo mundo? Peguem só a economia: em que lugar os parâmetros econômicos de esquerda geraram abundância de alimentos, bens de consumo, liberdade, democracia, bem-estar?

Impelida por sentimentos terríveis que habitam os humanos (entre eles inveja, arrogância, complexo de bonzinho – o mal está na direita) a esquerda gerou benefícios só para sua casta de oportunistas, seus chefetes psicopatas, em regra dotados de excepcional capacidade de convencimento das massas – pela palavra ou pela violência. Violência contra pessoas que (estranho) não queriam viver no paraíso prometido e pedia coisinhas simples como liberdade e comida – como ainda ocorre na Coreia do Norte.

Lênin assassinou, Stalin assassinou a rodo (só um decreto seu levou ao paredão mais opositoristas do que eliminou todo o regime czarista), Mao assassinou a rodo, Pol Pot matou gente como moscas – os quatro tornaram Adolfinho um genocida amador. O substrato teórico por trás dessa canalha move anacronicamente – com matiz de mais ou menos pressa – o que resta da esquerda no mundo. Quem analisa as lições da história em busca de uma utopia diferente para os jovens? Talvez por isso Cuba, que vive de mesada (inclusive dos reais que hoje nos fazem falta) e Nicolas Maduro que enterra a Venezuela sejam tão admirados pela esquerda e da direita e amarela. Esquerda que paga o mico de buscar banco e o banqueiro colocar ordem na economia. Esquerda que ainda acredita que se educa e não parou a diferença econômica e política.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Registro histórico: a UFFS chegou na surdina e...

Às vezes minha ingenuidade encabula. Como estratégia de registro histórico, semana retrasada indaguei: "Por que a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) não contratou a estrutura maravilhosa da UPF (ou da IMED) para instalar seus cursos? Até lembrei que nessa crise financeira tudo seria muito mais rápido e barato e o ministro Joaquim Levy aplaudiria a poupança. Imagine a economia de luz, água, telefone, papel, caneta Bic, lanches, diárias, salários, horas extras, sabão, álcool gel, toalha de papel, limpeza, papel higiênico, automóveis, combustível e muito mais!

Indaguei com aquela ingenuidade que lembra coisas comezinhas, como, por exemplo, o cidadão de fora se apresentar às autoridades e falar de suas intenções quando chega trazendo algo novo. Questionei por quais motivos os dirigentes da UFFS não procuraram nossas instituições de ensino superior em busca de algum entendimento.

Agora, ao me enfrontar do que ocorreu, fiquei perplexo: o modo como a UFFS foi chegando é realmente estranho. Muito estranho. Quem é do ramo do ensino superior soube por boataria que cursos federais viriam a Passo Fundo. Sim, o Governo Federal, disposto a realizar investimentos que impactariam a estrutura universitária local – construída com enormes sacrifícios – chegou na surdina. De mansinho. Quietos! Como guardião de algum segredo. Ou tivesse medo de algo. Quanta transparência em se tratando de coisa pública?

Soube agora que o assunto se tornou oficial para autoridades educacionais locais por iniciativa do Padre Alcides Guareschi, ex-reitor da UPF. A partir disso o reitor José Carlos Carles Souza patrocinou reunião que aglutinou a cúpula da UPF, a direção da sua Faculdade de Medicina (que nada sabia), o então Prefeito Airton Dipp, as direções dos Hospitais São Vicente e Cidade. Pouco foi esclarecido na ocasião pois os presentes disseram que não havia nada de concreto, apenas boatos.

Caso alguém consiga entender tal procedimento do Ministério da Educação, por favor, me socorra. Justo quem propala de peito estufado a filosofia de ouvir o povo nas questões relevantes projeta um empreendimento dessa magnitude às escondidas? Meus saís, por favor.

Decidem, então, convidar o Reitor da UFFS, professor Jaime Giolo, para expor o que havia de concreto sobre assunto tão relevante. Resumo da ópera: sim, Passo Fundo ganharia campus da UFFS (adiante se soube que seria instalado naquela área deserta do antigo quartel). E, no seco, descartou a realização de qualquer convênio com a UPF (embora todo apoio oferecido) por que o curso de Medicina deveria ser genuinamente público. Desde que ouvi a expressão "genuinamente público" não durmo em busca de tentar saber o que realmente isso significa.

Agora, convenhamos, é genial essa do Governo Federal produzir boatos numa pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul. Na base de uma fofoca no corredor, outra fofoca no mictório, uma no bar do cafezinho, outra enquanto faz uma sutura, se descobre que Passo Fundo vai ganhar uma universidade federal. Genuinamente pública, se é que vocês estão me entendendo.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

AGORA o Brasil É responsável?

Na sala de audiências, onde recebe especialmente governadores e prefeitos de pires na mão (de chapéu na mão ou de joelhos não importa, os que se dizem de esquerda só aguçaram a humilhação imposta pelos que se dizem de direita) o Ministro da Fazenda Joaquim Levy fixou um cartaz onde está escrito, em letras garrafais: AGORA O BRASIL SÓ GASTA O QUE ARRECADA. Logo abaixo, em letras menores, está posto: "Lei de Responsabilidade Fiscal". Por último, no rodapé, funcionando como slogan se lê: "O Brasil avançando com responsabilidade".

O Governador José Ivo Sartori esteve no Ministério da Fazenda e foi recebido pelo Ministro Levy tendo tal cartaz como pano de fundo. E, claro, que a resposta ao ocupante do Piratini foi um não, embora não sendo culpado pela falência do Estado é responsável pela condução de seu destino pelos próximos quatro anos.

São possíveis muitas ilações da peça publicitária. A primeira, que se trata de cartaz sem firula de marqueteiro, de pobreza (mas de eficiência) franciscana dizendo: com simplicidade e economia é possível dar aviso curto e grosso. É recado forte: acabou o esbanjamento, acabou a irresponsabilidade. Segunda ilação: esqueceram (será?) a logomarca do atual governo federal: "Brasil, Pátria Educadora". A terceira, decorrente da segunda: o Ministro Levy, em voo solo, manda na economia? Ele realmente governa e a meninada de esquerda reina? Como assim, o PT chamou a direita para governar?

Os atilados fissuraram no AGORA. Não é coisa pouca, é AGORA, não é ontem, não será no amanhã, é AGORA. Captaram, é AGORA? A palavra lembra, por exemplo, o professor chegando à sala de aula: AGORA acabou o recreio. O pai, brabo: AGORA acabou a bagunça. O dono da empresa: AGORA chega de amadorismo. Quer dizer, o AGORA do ministro tem essa conotação, ou seja, a direita chega com autoridade no caos instalado pela esquerda e bota ordem? Sacaram, AGORA é ordem na casa.

Ao dizer que o Brasil somente gastará o que arrecadar o Ministro aponta o dedo para o que lhe dá suporte: Lei de Responsabilidade Fiscal. Sim, a lei manda gastar o que tem, pois quem gasta o que não têm – pessoa, família, município, estado, país – sempre acaba no buraco do sofrimento. E o interlocutor fica sem ação, pois com sorriso franco de quem sabe o que está fazendo (alguns dizem que às vezes o sorriso beira o sadismo, mas de longe, assim, como ter certeza?) didaticamente Levy reforça a mensagem do cartaz: "é o Brasil avançando com responsabilidade".

Um parêntese longo: caso o escritor Saint Exupéry tivesse vivo ele aplaudiria o Ministro da Fazenda e, tenho quase certeza, enviaria mensagem a Brasília: "siga em frente Ministros, pois somos todos responsáveis por quem cativamos".

Bem, AGORA, não é hora de maldade, é covardia tripudiar a meninada, mas, perdão, certa dose de malícia Macunaíma é permitida, ou não? Vamos lá: não há nada, absolutamente nada, mais emblemático de tudo o que a esquerda condena no mundo (isso é neoliberalismo) daquilo que está embutido na frase que ostenta a visão do nosso Ministro da Economia: agora o Brasil só gasta o que arrecada.

Essas coisas que nos deixam perplexos: a "direita" tornou o Brasil responsável? Quando se trata dessas contradições tão ~~bugadas~~ o saco de maldade pode crescer indefinidamente e a "esquerda" vira direita e a "direita" vira "esquerda". Que mundo doido é este onde não se sabe mais o que é direita ou o que é esquerda?


Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Rio Grande, uma construção (desconstrução?) coletiva

Apenas um dia atento ao noticiário será suficiente para o estrangeiro que aqui aportar se inteirar sobre a situação dramática do Rio Grande do Sul. Um desbocado diria: estamos com as calças na mão. No caso do visitante ter algum conhecimento sobre o Brasil ficará intrigado, se perguntando: como um Estado que foi tido como dos mais ricos chegou a esse ponto?

O estrangeiro ouvirá nosso rosário de lamentos (nada de terço, é rosário, sim): a saúde, o ensino (professor apanha de aluno em aula), a segurança (cresce o número dos que não saem à noite), a justiça (processo simples espera cinco anos por sentença) andam de mal a pior, a infraestrutura (escolas, postos de atendimento médico, estradas) é cada vez mais precária; o funcionalismo gasta horas preciosas exigindo melhores salários e condições de trabalho tendo consciência de que nada vai mudar.

Claro, o visitante observador precisará mais do que um dia para entender todas as causas do desastre que se abateu sobre a parte Meridional do país, porém de cara, sem delongas, sem controvérsia, sem contestação saberá que o Rio Grande do Sul do Terceiro Milênio é construção (ou seria desconstrução?) coletiva. Para o bem ou para o mal pegamos parêntese, nada de individualismo, é coisa moderna, é ação coletiva, um seguindo o caminho do outro – mesmo não querendo, sempre descendo a ladeira.

Talvez a parte salutar da pepineira seja exatamente o fato de não termos a quem culpar ou responsabilizar (talvez o capeta, mas que vai conseguir encontrá-lo e, mais difícil ainda, provar tal culpabilidade?). A realidade que envolve o Rio Grande, repisada minuto a minuto por governadores, parlamentares, políticos de todos os matizes (centro, esquerda, direita, democratas, autoritários), rádio, jornal, TV, revistas, internet – salvo melhor juízo – é façanha nossa, é obra de todos. Façanha nossa? Quanta ironia!

Desde instante em que o rito para ocupar o Palácio Piratini foi por voto direto (em 1982 quando o Brasil ensaiava o retorno à democracia) o Rio Grande do Sul foi governado pelo PDS (hoje PP), PMDB, PDT, PT e PSDB. Por óbvio, sempre, o novo governante tomava posse anunciando que recebia um Estado quebrado. Pode? Sim, e sempre falando a verdade, ou seja, nossas finanças realmente cambaleavam. Sempre numa rotina de que nada tem de macanuda: de mal a pior.

Trata-se de contexto estranho: todos – governantes e governados – foram aos poucos, lenta e gradual como a abertura política do gaúcho Ernesto Geisel, afundando o Rio Grande! Nada de tsunami vindo de supetão, de enorme crise abrindo cratera e nos jogando lá embaixo a ponto de mover a piedade internacional, nada disso. Foi devagar, numa constante: sempre gastando mais do que ganhávamos! E, na última década, parecemos estar em areia movediça: quanto mais nos mexemos, mais afundamos.

A estas alturas o estrangeiro que chegou olhando e indagando amplia seu campo de dúvida: como a brava gente dos pagos sulinos que foi desbravando o oeste de Santa Catarina, foi colonizar o sudoeste do Paraná, seguiu para fazer o mesmo no centro-oeste e no norte, que foi decisiva para consolidar, entre outras coisas, uma agricultura capaz de salvar o PIB nacional, deixou o Rio Grande como pneu careca difícil de recauchutar?

Nem gosto de pensar na resposta. Temo a resposta! Será que os empreendedores tiveram visão de futuro e foram embora aqui ficando somente (eu e mais 10.904.383 habitantes) os que adoram a pasmaceira? Cartas para a redação.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Lágrimas para crimes do nazismo, riso pelos crimes do comunismo?

Felizmente não deixam a humanidade esquecer os crimes do nacional-socialismo de Adolf Hitler. A cada oito de maio, data do final da II Guerra, manifestações pipocam no Planeta cutucando a memória recordando o que foi o holocausto. Lágrimas vertem, afinal é bom ter presente que a maldade humana não tem limite ao levar aos fornos, para cozinhar como carne de bicho, milhões de pessoas – homens, mulheres, velhos, jovens.

O que espanta em pleno terceiro milênio é nosso desdém, indiferença, frieza, cumplicidade para com crimes, genocídios, holocaustos perpetrados pelos governos comunistas que, segundo os comunistas franceses, chegam a cem milhões de vítimas. Paira silêncio aterrador (covarde?) sobre massacres em massa praticados por psicopatas como Vladimir Lenin, Josef Stalin, Mao Tse Tung, Pol Pot, para citar apenas os mais sanguinários e ainda reverenciados entre nós.

Não falamos de coisa pouca ao citar esses quatro psicopatas. Em vários aspectos eles superam os crimes de Hitler. Um terço da população do Camboja (dois milhões de pessoas) morreu sob tacão do Partido Comunista. Sob o tacão dos Partidos Comunistas cidadãos russos e Chineses foram ao canibalismo. Stéfane Courtois (um comunista), integrante do Centro Nacional de Pesquisa da França garante: "Excedendo os crimes individuais, os massacres pontuais, circunstanciais, os regimes comunistas erigiram, para assegurar o poder, o crime de massa como verdadeiro sistema de governo." Ele reitera para que não paire dúvida: "o terror foi, desde sua origem, uma das dimensões fundamentais do comunismo moderno". Assevera Courtois: comunistas instituíram "em momentos de grande paroxismo, o terror como modo de governo."

Por que nos comportamos de modo tão assimétrico diante de crimes de mesma crueldade e magnitude? O que existe na vida real que nos revolta quando falamos das atrocidades cometidas durante a malfadada tentativa de Hitler impor o socialismo na Alemanha e que nos leva a ficar calados por crimes até piores das malfadas tentativas de impor o socialismo e/ou comunismo na Rússia, na China e Camboja? Eis algo que exige reflexão, principalmente dos jovens – tão suscetíveis em busca da utopia que melhore o mundo – para que não caiam no canto da sereia.

Os horrores do socialismo de Hitler chocaram tanto a humanidade que os países civilizados proibem a formação de Partido Nazista. Quer dizer, Partido Nazista nunca mais, e a suástica – logomarca do movimento – tronou-se símbolo demoníaco aos olhos civilizados. Qual a consequência do terror comunista? Até no Brasil democrático é livre a formação de partidos comunistas, inclusive como arautos de uma ordem mais justa.

É nossa incongruente realidade: vertemos lágrimas, todo ano, pelos crimes de Hitler, deixamos escapar riso cínico quanto aos crimes de psicopatas como Lenin, Stálin, Mao, Pol Pot. A coisa é tão complexa que são incontáveis os professores, até nas universidades, tripudiarem o tirano nazista, e se conta com os dedos da mão momentos de repúdio aos comunistas, como agora fazem os camaradas franceses.

PS.: Para que não digam que tudo é passado registro fato recente: o ministro da Defesa norte-coreano, Hyon Yong-chol, foi executado por ordem do líder Kim Jong-un. Centenas assistiram ao fuzilamento numa academia militar em Pyongyang. Hyon foi condenado pelo crime de "lesa-majestade" porque teria dormido em cerimônia militar e por "não seguir as instruções" do chefe-Deus. Desde o início do ano, o líder ordenou a execução de 15 oficiais do regime, segundo o serviço secreto sul-coreano.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

“Esquerda ou direita”: uma simplificação que infantiliza

Nem durante a ditadura militar, período de exceção que pedia palavra de ordem curta e grossa, foi tão intenso como agora a rotulação de esquerda e direita. Naquele tempo era tudo bem simplório: o bom era de esquerda e pedia o fim do regime militar, o mau de direita e aplaudia o status quo. Seria perda de tempo, em tal circunstância, viajar pela semântica, pois nada era mais nobre do que derrubar ditador. Óbvio que a parcela da esquerda que lutava, também, para implantar no Brasil a ditadura do proletariado não se dava conta da contradição embutida no discurso.

Hoje, em pleno processo de aprofundamento democrático da Nação, virou moda o cara que se acha de “esquerda” rotular como de “direita” o cidadão que faz qualquer manifestação que contrarie seu modo de ver as coisas. Impressiona como o ambiente político continua tosco e 50 anos depois estamos no mesmo rema rema o que, nos dias de hoje, na prática, fortalece aquilo que denominam de “direita”, que a maioria nem tem noção do isso significa.

Na maioria das vezes o cara que se acha de esquerda nem sabe o que realmente defende, mas confrontado com argumento diferente do seu sai pela via do escapismo juvenil. Entretanto, como no passado, o debate ainda parte da premissa de que o cara da “esquerda” encarna o bem, a justiça, a igualdade e o cara da “direita” encarna o mal, a injustiça, a desigualdade.

Tal simplificação esquizofrênica que inunda até salas de aulas (onde teóricos de orelhas de livros abundam) – nos empobrece mentalmente, embrutece espiritualmente, aliena dos fatos, anestesia inquietações, pasteuriza angustias, nos cega da realidade, nos emburrica, infantiliza, pois, como papagaios, repetimos slogan como se o mundo fosse estático, como se a vida andasse em linha reta, tudo fosse imutável.

A incongruência embutida nesse doido padrão da rotulagem simplória (também vigorante nas universidades onde a razão deveria prevalecer) é que ao aceitá-lo vamos, aos poucos, nos tornando pessoas dóceis, preguiçosas, frágeis, massa informe fácil de dominar por qualquer discurso mavioso, populista, arrebatador.

Quando nos aferramos à simplificação de características religiosas perdemos a chance de avaliar e aprender com aquilo que melhor funciona, ao longo do tempo, para superar as injustiças que angustiam e, como decorrência, oportunizam bolsões com alto padrão de dignidade para as pessoas. Também perdemos a chance de apreender com as experiências que não funcionaram e que só trouxeram muita dor e sofrimento quando se esperava um mundo melhor.

Aqui no Brasil de 2015 – já sendo governado por diferentes matizes de esquerda por mais de 20 anos – o cara de “esquerda” se torna figura caricata como no passado. Como a França do maio de 1968, em regra, o cara de “esquerda” não nasce na escassez, nasce na abundância, do tédio, da inveja e geralmente não sabe o que fazer ao ganhar o poder. Mesmo agora os que usam o discurso fácil abandonam o governo e articulam “a nova” esquerda porque é mais fácil explorar angustias imberbes do que reconhecer a impotência de suas teses. E confirmam o velho cacoete: a “esquerda” nunca é responsável pelo que dá errado em seus governos, sempre a culpa é de alguém.

Pois é, enquanto na química e na física, por exemplo, o conhecimento do mundo real é cumulativo e a evolução é constante no campo em que se discute “esquerda” e “direita” tudo permanece estático, como se nada tivesse mudado desde que determinado conceito foi formulado, ou seja, a realidade torna-se apenas ficção, o que vale é sonho – mesmo quando o sofrimento se repete, se repete, se repete...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Corrupção & privilégios

Neste ano de 2015 que corre com a rapidez do vento perdura a sensação de que duas pragas que sempre marcaram a vida do brasileiro ganharam novos reforços nos últimos 30 anos: os privilégios e a corrupção. Duas coisinhas que claramente marcam nossa condição de país subdesenvolvido, que minam o ânimo, que aumentam a impotência parecem terem ganhado impulso a partir da democratização.

Quando se observa como é tratada a cúpula dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário e quando se observa, por exemplo, o que ocorre no atendimento médico no SUS ficamos com a impressão de que vivemos numa sociedade de castas. Semelhante ao que ocorre na Índia e que tanto espanto nos causa. Ou seja, de um lado os ungidos pelos deuses, com altos salários e todas as mordomias imagináveis e, de outro lado, a ralé vivendo na planície, se contentando com migalhas.

Apesar da ascensão de nova visão de mundo sobre o país – tido como o NOVO finalmente chegando ao centro do poder – conseguimos a proeza de criar o brasileiro de segunda classe e tal excrescência ser perfeitamente tolerada, quando não aplaudida. Em salários, teto de aposentadoria, vantagens, ajuda disso e daquilo os homens e mulheres que estão no topo do Executivo, Judiciário e Legislativo deixam os colegas dos países ricos com inveja. No Brasil do terceiro milênio temos, de um lado, os intocáveis, de outro os que se danem.

E o que dizer da corrupção, da roubalheira? Nunca antes neste se país se roubou tanto e de forma tão sistemática quanto agora. Alguém tem alguma dúvida? A corrupção em solo brasileiro rompeu qualquer limite. Nada escapa, não escapa ninguém. Das mãos que roubam não escapou nem a Legião Brasileira de Assistência, ou seja, literalmente, roubamos o pão da boca dos famintos.

Quando me deparei com esse quadro sinistro de aprofundamento dos privilégios e da roubalheira neste nosso Brasil bateu um tsunami de perguntas. Uma é tenebrosa: como somos feitos do mesmo barro nossa postura será sempre a mesma ao chegar ao poder? Não importa o discurso, a intenção, o palavreado, ao botar a bunda na cadeira que abriga quem decide o DNA do barro é mais forte e tudo vai se repetir à exaustão.

Entre o final da ditadura militar – na qual condenávamos, entre outros fatores, os privilégios e corrupção – e os dias de agora já se passaram 30 anos e tudo parece tão velho, carcomido, degradado. Alguém sabe responder? Jamais vou esquecer que muitos perderam a vida, foram torturados, perseguidos, prejudicados para derrotar a “direita” e botar a “esquerda” libertadora no poder. Dá para esquecer? Por isso não se deve calar: afinal, o que realmente aconteceu que a redemocratização não eliminou os privilégios e nem minimizou a corrupção?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Papa Francisco bate forte na pedofilia: quem vai segui-lo?

Definitivamente a pedofilia e seu universo de dor (e, pelo andar da carroça, de caos) não saem tão cedo da ordem do dia. Estamos ficando (quem diria?) em meio a um tiroteio. De um lado a condenação absoluta pelo estrago causado tal prática e, de outro, o incompreensível e crescente número de intelectuais influentes minimizando a questão.

Dentre tais pensadores o engenheiro e terapeuta de família americano Larry Constantine para quem "as crianças tem o direito de se expressar sexualmente, o que significa que podem ter ou não contatos sexuais com pessoas mais velhas". A jornalista Judith Levine disse que pedófilos são inofensivos e que a "relação sexual de menino com sacerdote pode até ser algo bom". Publicação de 1998 da Associação Americana de Psicologia fez recomendação intrigante: trocar o termo pedofilia, pleno de conotações negativas para "intimidades intergeracional." Qual o efeito disso tudo no agravamento do problema? Claro que isso estimula o pedófilo!

A questão é mais complexa que aparenta. Costume, que durou mais de mil anos na China, era castrar meninos e vende-los a pederastas ricos. Gregos e romanos adultos da antiguidade usavam menores para o prazer sexual. Faz pouco a somali Ayaan Hirsi Ali teve sentença de morte ao dizer que o mundo islâmico tolera a pedofilia, nomeando inclusive o profeta Maomé que teria tido esposa de nove anos. A lista aqui é longa.

Confirmando tal complexidade historiadores defendem que foi a influência do cristianismo, a partir da Idade Média, que fez a pedofilia recuar no mundo, atacando-a como prática inaceitável. Hoje a Igreja Católica recebe – com razão – chumbo grosso por denúncias de pedofilia entre padres. E, sob o mando do papa Francisco, que não faz concessões, autorizou julgamento por abuso de poder de bispos que acobertam padres denunciados por abusos sexuais de menores de idade ou pessoas frágeis.

Mais complexidades (ou incongruências?): pensadores católicos que aplaudem a firmeza do Papa dizem que nós da imprensa deveríamos fazer análise mais objetiva dos fatos. O sociólogo Massimo Introvigne mostra que, no período de várias décadas, 100 sacerdotes foram condenados na Itália por pedofilia, enquanto 6 mil professores de educação física sofriam tal condenação. Na Alemanha, desde 1995, foram 210 mil denúncias de abusos. Dessas 210 mil, 300 ligadas ao clero, menos de 0,2%.

Massimo indaga: "Por que só nos ocupamos das 300 denúncias contra a Igreja? E as outras 209 mil? Trata-se, como já afirmei, de escândalo seletivo. Setores da mídia definiram os abusos com expressão equivocada: pedofilia epidêmica. Poucos jornais fizeram o que deveriam ter feito: análise objetiva dos fatos. O exame sereno mostraria, acima de qualquer dúvida, que o número de delitos ocorridos é muitíssimo menor entre padres católicos do que em qualquer outra comunidade."

Para pensadores católicos a mesma ONU que criticava (com razão) a Igreja por não combater a pedofilia e acobertar as denúncias fecha os olhos e esconde da opinião pública os pecados de seus assistentes sociais. Em 2001, só na África Ocidental, foram cerca de 400 queixa, só num ano, segundo dados mantidos em reserva pela própria secretária-geral da ONU. Meninos, meninas, jovens fragilizados pela pobreza, fome, doença tem sido vítimas constantes, em várias partes do mundo, de agentes da ONU.

Hoje o cenário estarrece: a erotização de crianças e adolescentes cresce, o apoio sutil à prática pedófila e o acobertamento dos praticantes ganha espaço. O que virá?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Gregos, brasileiros & gaúchos no mesmo barco! Quem diria?

Indagação: será que finalmente brasileiros e gaúchos se livrarão do pecaminoso e sutil complexo de inferioridade que (consciente ou inconscientemente não sei dizer) os professores fizeram a gente cultivar quando falavam da civilização grega?

Minha geração entra nisso no antigo ginásio do início dos anos 1960 e não para. Ao abordar história (Heródoto, Tucídides), filosofia (Sócrates, Aristóteles, Platão), matemática (Pitágoras, Euclides, Arquimedes), literatura, lógica (instrumento vital para outras ciências), medicina, (o juramento é de Hipócrates), biologia, física, geografia, átomo, astronomia, teatro, arquitetura, música, pintura, esporte e outras coisinhas os gregos sempre foram, são ou podem se referenciados.

Quem suporta tal matraquear, ano, após ano, sem pontinha de inveja? Só tendo sangue de barata. Ainda mais quando nos retratam como Macunaíma! Claro, para compensar temos a Amazônia (putsgrila, ia citar o futebol, mas Alemanha e Paraguai vieram à mente) e o que mais? Os revolucionários dos anos 60 chafurdam na lama, mas ainda somos a Nação do futuro. Quem nega? Óbvio, o Rio Grande tem a suas façanhas.

Deixando de lado as firulas, quem ousaria afirmar que um dia gregos, brasileiros e gaúchos estariam no mesmo barco? Quem diria que estaríamos remando ao som do tambor, buscando ir em frente remada a remada, engolindo o mesmo suor salgado que relutamos em gastar antes e agora passando as mesmas humilhações e penúrias?

Para a sutil inveja conforta, nesta hora do pega-pra-capar, dizer que somos feitos do mesmo barro e nem os deuses do Olimpo podem ajudar? O fato é que fomos, no mínimo, imprevidentes. Conjugamos o mesmo verbo: eu devo e não consigo pagar, você deve e não consegue pagar, ele deve e não tem como pagar.

Na raiz da crise grega está a dívida de mais de R\$ 1 trilhão de reais e o país não tem condições de pagar. A explicação é simples: por anos gastou bem mais do que arrecadava e financiava gastos através de empréstimos. A Grécia já fazia isso antes do euro; e o governo seguiu gastando mais do que podia após a chegada do euro, em 2001.

E o que ocorreu com o Brasil que está de calças na mão? E o Rio Grande, o que, mesmo, fez? Nada diferente que não acabe com a inveja dos gregos. Como eles, gastamos, anos após anos, como se dinheiro fosse macega. Gastamos, especialmente os gaudérios, muito e mal, foi farra grossa de dar inveja a Dionísio, Deus do Vinho.

Assim, fica lindaço de se ver que além da ganância sem freios, o que ajudou a enterrar a Grécia, foi corrupção. Sacaram? A inveja some por demais, finalmente temos algo comum com a tão avançada civilização: também somos especialistas em corrupção. Ganância irresponsável e corrupção.

Que coisas, eles, os gregos, com seu cabedal de sabedoria e conhecimento que alimenta nossa inveja são tão ou mais corruptos do que nós, mortais simplórios. E nós, com tanta coisa boa para copiar fomos justamente fazer as piores escolhas e entrar nessa de gastar o que não temos e corromper a não mais poder?

Quem diria, acabamos todos no mesmo barco. Que Poseidon tenha piedade de nós nesse mar de lama! Especialmente de nós do Rio Grande que, neste momento, sofremos duplamente: por ser brasileiro e por ser gaúcho...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Insatisfações & resmungos de quem já tem bastante

"Num dia de julho, anos de 1950, em pequena cidade gaúcha o despertador brada que são seis horas da manhã convocando os moradores da casa para nova jornada. Casa como as demais do lugar: de madeira, sem energia elétrica, sem água encanada, sem fogão a gás, sem calçamento na rua. Sem essa maravilhosa parafernália que a tecnologia foi nos ofertando ao longo dos anos para facilitar nossas vidas e a qual nem damos mais importância e que inclui uma centena de coisinhas como geladeira, freezer, aquecedores, torradeiras, as prateleiras e balcões dos mercados do pronto para levar. Mas, diga-se, com muita vida boa dentro dela.

Aninhado no calor da cama de colchão de palha de milho, travesseiro de penas de galinha, coberto por surrado "burrinho" e pesado acolchoado o garoto de 12 anos reluta, por minutos, em sair para o batente rotineiro. Não tem jeito, este é seu dia para detonar o início da vida pulsante no seu lar. Faz isso porque o pai lhe disse que deve saber de onde sai o sal desde cedo e porque Deus ajuda quem cedo madruga!

Salta da cama reclamando do gelo. Acende uma vela e se veste. Movendo-se no escuro vai esvaziar o pinico na patente nos fundos da residência. Mais tarde, ao clarear do dia confirma que a geada é a maior do ano. O Minuano enrijece nariz, orelhas, dedos de mãos e pés. Odeia esvaziar o pinico no inverno, a "casinha" fica muito distante da casa (deve ser longe para evitar mau cheiro e insetos no verão, lhe contaram). Seu avô disse que devia agradecer o pinico no quarto, pior seria sair no meio da noite, no frio, e correr para a casinha para suas necessidades. Sim, o pinico era um privilégio. Outro dos privilégios era não ter que tirar leite pela manhã, como faz seu amigo que levanta ainda mais cedo e todos os dias.

É frio de renguear cusco, por isso volta ao quarto e troca o chinelo de couro preto pelo sapato: enrola jornal velho nos pés, bota meia de lã, calça o sapato que já tem um furinho no lugar onde se acomoda o dedo mingo; não devia ter jogado bola com ele, sabia que isso podia acontecer. O dia está muito frio.

Arrependido por não ter obedecido a mãe e enchido a caixa que fica ao lado do fogão com as achas de lenha e gravetos para iniciar o fogo matinal, vai ao porão para tal providência. Sultão, o cão policial sempre irrequieto nem se meche, parece morto num canto do porão, dormindo em cima de sacos de estopa, por causa do frio.

O garoto é rápido no acender o fogo, tão logo as labaredas ficam vigorosas e a lenha estala pega dois baldes e pela terceira vez sai da casa, desta vez para tirar água do poço. Enche duas chaleiras e as coloca para ferver, faz o mesmo com a leiteira após nela acrescentar o leite e coloca xicaras para quatro na mesa. A seguir lava o rosto com o restante da água que ficara num dos baldes e volta ao poço para mais dois baldes de água para garantir higiene dos demais da casa: sorte deles que terão água morna.

Nesse meio tempo o restante da família levanta e logos os quatro tomam o café da manhã juntos. A refeição é recorrente: um prato fundo com leite quente com polenta sapecada na chapa do fogão de lenha, uma fatia de pão caseiro com nata retirada antes de colocar o leite a ferver. O queijo e o salame mais parecem porções de sobremesa, mas melhor assim do que nada.

Por volta das 7,30 horas, coloca os cadernos num tipo de mala de garupa feita pela mãe com o saco de farinha comprado na bodega do Maneco, pega o guarda-chuva (seu presente de Natal, que aquela não era época para brinquedos) e vai para escola; são três quilômetros embaixo de fina garoa e deixando as pegadas em cima da geada."

Sem posar de vestal, tal texto veio a propósito dos desconcertantes e repetidos resmungos de quem usufrui dos benefícios da modernidade esquecendo como a vida já foi muito, mas muito mais durona e ainda se acha no dever de desancar a tecnologia. Viva a tecnologia

Membro da Academia Passo-fundense de Letras.

O grande umbigo da esquerda!

Como algo saindo de casa, minha a imprensa revela a gestão de uma frente de esquerda. Qual objetivo disso? Chegar ao poder. Pode? Com tão esdrúxula informação me dei conta de como é grande o umbigo da esquerda. Grandioso e radioso, parece lua brilhante da qual o cara de esquerda nunca pode tirar os olhos. Esse majestoso umbigo exige eterna admiração. É definitivo: o mundo da esquerda é seu umbigo.

Na noite que antecede o amanhecer que levou, em outubro de 1968, a polícia militar do governador paulista Abreu Sodré, da Arena, aos universitários que estavam no encontro da UNE em Ibiúna, discutíamos a praga de então: a divisão da esquerda. Era voz corrente: a esquerda só se unirá na cadeia. A memória pode trair, mas contamos mais de vinte tendências, dividindo (com soberba) os sábios da esquerda que fariam a revolução. Os sábios que sepultariam o capitalismo. Tanta disputa de beleza pode gerar algo consequente, algo sério? Não sei, apenas sei que com uma esquerda dessas a direita nunca perde o sono!

Desde muito cedo, nós jovens da esquerda, fomos ensinados a admirar o nosso deslumbrante umbigo sem esconder o êxtase pela beleza nele existente. O umbigo tinha (e tem) o poder de dizer o quanto éramos especiais, inteligentes, ungidos para papel histórico de mudar o Brasil e, se desse tempo, o mundo. Ali também, encabulados por nossas deficiências, propúnhamos fazer "frente de esquerdas" para enfrentar a maldade.

Incrível, 47 anos depois o panorama é o mesmo. Quantas tendências de esquerda existem em 2015? Vinte? Pelas circunstâncias anômalas da ditadura, a discussão dos idos de 1960 não era de todo tola e até ajudou por fim ao arbítrio, tivemos mais sorte do que juízo. Mas hoje, salvo juízo mais atilado, o papo que envolve tais esquerdas lembra um processo masturbatório que sempre foge do sexo verdadeiro.

O palavreado é rude, mas inevitável ao analisar os mais de 20 anos da esquerda no poder no Brasil. Andamos em círculo, é o cão querendo morder o próprio rabo. Nada de novo criamos, pelo contrário, até caímos no ridículo, um bate-boca de primatas nas redes sociais entre cabos-eleitorais de siglas poderosas mostra traços da tragédia: diante dos escândalos do PT na Petrobrás e PSDB nos trens paulistas militantes debatem sobre quem "rouba e corrompe menos".

Em diferentes tendências Itamar (Grupo dos Autênticos), FHC, Lula e Dilma são de esquerda. Assim, tivemos (e ainda temos) quatro presidentes de esquerda. Quatro governos de esquerda. A esquerda está no governo há mais de vinte anos, como negar? É o que ocorrer? Na hora da crise criada pelos governos de esquerda a esquerda diz que precisa fazer frente de esquerda para poder chegar ao poder e por em prática programa de esquerda que tire, pela esquerda, o Brasil desse caos gerado pela esquerda.

Entenderam? Não, Nem eu, mas tento explicar: a esquerda acha que a esquerda tem sido incompetente, por isso a esquerda quer voltar a esquerda para elaborar um projeto de esquerda, e fazer um governo de esquerda. Simples, assim, caluré...

Por que a esquerda há três hipóteses: 1) isso é inversa e não podemos nos meter, cada louco com o seu mundo; 2) isso é velho, o tradicional, manjado, oportuno e rotineiro, o barato que alimenta a ação dos esquerdistas, os ideólogos, ungidos pelos céus que brigam com a realidade e não conseguem se adaptar às suas teorias; 3) foi assim, foi assim, foi assim (Rússia, China, Venezuela, Coreia do Norte). Quando no poder a esquerda não consegue construir uma sociedade democrática, quando o bastão passa a direita, quando as tais frentes de esquerda

deixam de existir



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Os poderosos enroscados na Lava-Jato e a Justiça

Têm saberes, informações, verdades que parece já terem entrado no DNA ainda no tempo que a vista não alcança mais. A consciência sobre o poder do dinheiro, por exemplo, já está na essência do ser humano ao nascer. Recém engatinhamos e logo descobre-se a estrondosa força do carvão de pedra, como diziam na minha infância lá na Palmeira das Missões. A grana move montanhas muito mais do que a fé.

E não adianta malhar ferro frio, é sanidade e tempo gastos em vão. Para impedir que esse poder do dinheiro inviabilize o ambiente que permite a vida civilizada a receita é a mesma que garante a liberdade: "eterna vigilância". E quem faz a "eterna vigilância" se já fica difícil lutar no cotidiano para conseguir sobreviver?

Junto com expressões da sabedoria popular como boi lardo bebe água suja, ou, mais vale um pássaro na mão do que três voando, ou, Deus ajuda quem cedo madruga há uma que se encaixa com perfeição nessa visão da força do dinheiro: a justiça é cega, mas não surda ao tilintar das moedas. Essa mesma expressão era repetida, na década de 60, aos alunos que iniciavam o curso de Direito da Universidade de Passo Fundo. A frase era dita porque "quanto mais cedo o aluno cair na realidade, deixando as fantasias para a infância que se foi, melhor será para todos", dizia o professor que falava, ao mesmo tempo, da cegueira e da excelente audição a Justiça.

O tema entra na dança agora por que há razões para crer que os poderosos que em primeira instância vão sendo julgados e condenados na Operação Lava-Jato – nunca é demais repetir que se trata da maior roubalheira de todos os tempos no Brasil – ainda podem ficar livres e debocharem da gente.

Como pode?

Quem alerta é o procurador Diogo Castor de Mattos, que integra a força-tarefa da Lava-Jato. Ele criticou os motivos que fizeram tribunais superiores anular, desde 2006, quatro processos envolvendo poderosos empresários e políticos em falcatruas.

Em uma dissertação de mestrado, de acordo com a revista Veja "reconstitui quatro ações penais que acabaram anuladas por tribunais superiores e que, a exemplo da Lava-Jato, tinha como alvo central políticos e empresários poderosos. São elas: Sundown/Banestado, Satagraha (Daniel Santas), Castelo de Areia (executivos da Camargo Corrêa) e Boi Barrica/Faktor (Fernando Sarney, filho de José Sarney)."

Os envolvidos nessas falcatruas, condenados depois de sério trabalho feito pela Polícia Federal, pelo Ministério Público e primeiras instâncias da Justiça acabaram absolvidos pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ).

Quer dizer, apenas ladrão de galinha vai para cana?

Leiam o que afirmou na VEJA o procurador Diogo de Mattos sobre as estranhas absolvições: "os tribunais superiores incorrem em seletividade penal quando analisam a legalidade de processos que trata de corruptos poderosos: essas ações penais seriam mais facilmente derrubáveis nessas cortes do que as que lidam com réus de menor poder de influência e acesso a bons advogados".

Quer dizer, é difícil ser feliz desse jeito. Quando o horizonte parece brilhar surge alguém e coloca nuvens escuras e para não assustar. Quando alguém vem e empulsa essa barreira que mantém tudo no lugar. É a primeira, de segunda e até de terceira mão. É a primeira, na educação, na justiça – e que fazemos que a atenção exista?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Sobre lulas!

Entre as palavras mais pronunciadas no Brasil de hoje está lula. Ouve-se lula milhares de vezes ao dia. Lula entra no vocabulário de ricos, remediados e pobres. Lula é molusco (do latim molluscus, mole) que constitui grande filo de animais invertebrados, marinhos ou água doce ou terrestres, que ainda compreende seres vivos como caramujos, ostras. Lula é invertebrado? Nunca tinha me ocorrido isso? Lula um invertebrado, vejam só!

Lula é molusco da classe dos cefalópodes (pés na cabeça), a mesma dos polvos, sépias, chocos. Lula tem os pés na cabeça? Isso não lembra, com sutileza, o que se sabe como meter os pés pelas mãos? Tem olhos muito desenvolvidos e estrutura complexa. Lula tem olho grande? Tá explicado porque hipnotiza! A espécie típica, *Loligo vulgaris*, tem corpo tubular, dez tentáculos ou braços em torno da cabeça providos de ventosas. Dois desses braços, mais longos e flexíveis, alargam-se na extremidade, como se fossem mãos, para a captura das presas, que são levadas à boca ou impedidas de safar-se pelos oito restantes. Quer dizer, caiu nos braços de lula, pode dar adeus à tia Chica. Lula tem tido esse poder, dificilmente uma presa escapa de seu domínio.

Sépias ou "Chocos" ou Lula são mestres do disfarce. Dizem que é mais fácil agarrar muçum ensaboado do que um dos bichos citados. Usando cromatóforos (células de pigmento incríveis que permitem mudança de cor dependendo do lugar onde estão, o que mostra capacidade mimetizante) imitam o ambiente a ponto de deixar camaleão com inveja. Lula bate cameleão em disfarces? Lula, Sépias, Chocos podem alterar a textura da pele para que pareça áspera ou lisa. Lula pode ver o ângulo em que a luz é refletida e polarizada, permitindo melhorar sua camuflagem.

Os cromatóforos que se expandem ou contraem para mudar a cor ou contorno da pele para igualar-se ao fundo do ambiente também ajudam a lula atrair companheiro e a comunicar-se com ele. Esse é detalhe por demais valioso para quem gosta de se mover em grupos sem deixar pistas a possíveis predadores. Lula (e sua turma) não é presa se que pegue facilmente, de bobo o bicho não tem nada. Lula é de uma esperteza – alguns interpretam erroneamente tais características e dizem safadeza – sem igual e, sempre, enrola todo mundo. Lula conta ainda com sua velocidade e agilidade como defesa. Lula vive fugindo, mas antes de fugir solta fumaça de substância escura que confunde temporariamente o agressor, possibilitando que escape sempre.

Lula, registre-se, têm sistema circulatório bombeado por um coração principal e dois subsidiários. Lula tem essa característica: existe algo subsidiário dele fazendo parte sempre. Outro detalhe: com tantos corações é fácil entender porque ricos e pobres (nos últimos tempos mais os ricos do que os pobres) gostam tanto de lula. Mais, lulas são animais exclusivamente carnívoros, alimentando-se de peixes e outros vertebrados. O que é a natureza: o invertebrado comendo o vertebrado! O principal órgão de ingestão é um par de poderosas mandíbulas móveis, em forma de bico, que podem cortar e rasgar a presa. Lula possui, como ajuda complementar para matar a vítima, um par de glândulas salivares que se transformou em glândulas de veneno.

Lula tem, realmente, características fascinantes.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

E os salvadores da Pátria?

O Ministro da Defesa, Jaques Wagner, político poderoso, tem expressado ao pé do ouvido dos mais chegados, que a situação tornou-se tão grave que será necessário escolher a quem salvar: ou Partido dos Trabalhadores ou o Governo. Quem diria que o caos criado por exclusiva responsabilidade do PT leva todos ao brete!

Lúgubres tempos: em meio a estrondosa crise econômica, política e ética vivida pelo Brasil (não é demais repetir: criada por quem governa há 13 anos sem interrupções) o nosso Ministro da Defesa – justo ele? – não se mostra preocupado com o destino da Pátria, com a segurança da sociedade, com o bem-estar da população. O homem que comanda o Exército, a Marinha e a Aeronáutica, forças fundamentais para a segurança da Pátria, da sociedade, da população, anda tenso porque não sabe a quem escolher na hora do “pega pra capar”: seu partido ou seu governo.

Justiça se faça: a falta de visão do todo, a ausência de postura de estadista externada pelo Ministro não é exclusividade dele. Desde a redemocratização quem se move no universo político e partidário tem mais em mente projetos de governo, projetos de partido, projetos pessoais, projetos ideológicos do que projetos para a Nação.

Nosso prostituído quadro partidário que reúne 32 siglas, a maioria delas atuando como se fossem quartos de motel, é a principal prova do que afirmamos. É ela que dá sustentação filosófica ao processo político do “rabo preso” que move Brasília.

Eis a chave mestra da crise: a Nação que se rale, a Pátria que se lixe, a sociedade que se esfole, a população que se aquiete, o que realmente importa, agora, como bem destaca o ministro em seus tormentos íntimos, é salvar o Partido ou salvar o governo.

No frigir dos ovos o que realmente falta ao Brasil – e falta a essas republiquetas que purgam nas mãos de aventureiros na América do Sul, África e Ásia – é a chance de ser governado por estadistas, por gente que sempre, em todos os seus atos, colocará a Pátria, a Nação, a sociedade, a população em primeiro lugar. Simples! Vocês acham que Nelson Mandela teria tido êxito se seguisse só os interesses do seu partido?

Nesse contexto, perguntamos: o que é um estadista? A resposta foi dada por um secundarista na internet: “Estadista é o governante que não trabalha apenas pelo sucesso eventual e passageiro do seu partido ou de seu governo, mas que tem a visão das necessidades futuras do país e trabalha para criar as bases desse futuro. Um verdadeiro estadista não se preocupa em se manter no poder, faz o indispensável para que o seu país melhore, sem se abater com críticas pontuais”. Podemos denominar os estadistas de salvadores da Pátria? Sim! E onde se escondem nossos estadistas?

Wagner é político poderoso, mas sua dúvida demonstra estar longe ser estadista, fica ao nível de um Cunha, um Renan, um Lula et caterva, políticos do “rabo preso”.

E, sem vergonha alguma, o Lula deu demonstração cabal de como funciona a política do “rabo preso” ao pedir cautela aos petistas para evitar que o PT tenha papel de protagonista em ações contra Eduardo Cunha. É, quem tem “rabo preso” tem medo? E manda para o lixo o partido e o governo...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Condenação da pobreza ganha aplauso da plateia

A trajetória da humanidade parece se resumir na luta incessante pela eliminação da pobreza. Superar as carências de alimento, roupa, abrigo, saúde, conhecimento, segurança nos move desde sempre. Nessa ótica o saldo dessa longa e sofrida caminhada apresenta avanços significativos, já estivemos em condições bem piores. Entretanto, ao visualizar o terceiro milênio e confirmar grandes bolsões de pobreza nossa consciência acusa um golpe, pois nos tornamos mais intolerantes com tais disparidades.

É essa realidade quem mantém a pobreza em pauta. Ela serve as carências que surrupiam a dignidade de crianças, jovens, homens, mulheres, velhos em nosso café da manhã, no almoço, no lanche da tarde, no jantar! Como ir contra o fato?

E, em tal situação, nada mais óbvio do que condenar com veemência o panorama desumano. Até porque, quem grita com estridência contra a pobreza ganha a atenção da plateia. E, num jogo de palavras que nem sempre conseguimos separar o joio do trigo.

Têm poucos dias, a questão da pobreza (que nunca sai da pauta dos governantes, dos discursos eloquentes, dos planos dos messias de republiquetas, ações de organismos internacionais, das manchetes da mídia mundial) ganhou a relevância de tema que entra na ordem do dia por causa do Papa Francisco. Uma Igreja pobre e dos pobres é o que ele busca. É possível admitir que a pobreza possa extirpar a pobreza? Eis a questão!

Vale lembrar que ao falar de carências que afligem milhões tratamos de algo que tem causa em inúmeros fatores. O que, por si só, diz que tratamos algo complexo que não se supera só com boa vontade – mecanismo que mais abunda nessa área. Fatores políticos, legais, econômicos, sociais, culturais, climáticos, de saúde, históricos, religiosos, educacionais, de segurança, logísticos, tecnológicos – em maior ou menor grau na interação entre um e outros – são responsáveis pelas distorções que mantêm milhões de pessoas em condições que perturbam nossas consciências.

Enquanto o desafio da pobreza zero se mantém dois dados permitem visualizar a questão hoje em dia. Um: no campo político-ideológico (onde parte da Igreja Católica latina se jogou), tudo o que jurou reduzir desigualdades só agravou o que era muito ruim. Quem tiver paciência que analise a pobreza da Venezuela – país riquíssimo – antes de Chávez e Maduro com a realidade de hoje. Dois: tudo o que se acusou como responsável pela pobreza foi o único fator a reduzir a pobreza onde esteve presente.

Num contexto desses, quando desejamos eliminar o que definimos de modo geral como pobreza contra o quê lutamos? Contra quem se deve lutar? O que fazer quando o “bonzinho” não sai da teoria para extirpar o mal e ganha aplausos da plateia e o “malvado” que consegue tirar gente da pobreza dando-lhe dignidade e leva vaia da mesma plateia? Cartas para a redação!



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Sabedoria chinesa de hoje: só fala alto quem tem muita grana

Dois fatos me levaram à China de Deng Xiaoping, que é essa China capitalista de 2015, que é a China de que deu um chute na bunda da China comunista de Mao Tse Tung: 1) a ida do jovem executivo de banco Joaquim Levy ao Ministério da Fazenda a fim de consertar as bobagens que a esquerda tupiniquim produziu na economia; 2) dar de cara, na minha prateleira, com o exemplar de "O livro Vermelho" contendo citações de um pedófilo cruel que nós, parte dos jovens dos anos de 1960, o chamávamos de o grande timoneiro Mao Tse Tung. É, jovem idealista pode ser fogo!

Deng era do time de Mao. Foi muito maltratado e expurgado por ele. Dois anos depois que Mao morreu, deixando saldo de 70 milhões de vítimas (fome, fuzilamentos, prisões, êxodo, chacinas) Deng voltou ao poder e, consternado pela miséria disseminada pelo projeto socialista e comunista do maoísmo, deu novo rumo à China.

Ao se referir às atrocidades dos 38 anos em que os chineses foram esfolados por Mao disse "cometemos uma montanha de erros". Que detalhe: essa montanha é de cadáveres, com certeza. Depois Deng Xiaoping fez afirmação antológica que a esquerda quer escamotear: "Nossa meta fundamental – construir o socialismo – é correta, mas ainda estamos tentando compreender o que seja socialismo e de que forma construí-lo." Eis algo que revela em profundidade a face insana que pode caracterizar a utopia: após carnificinas que fizeram 100 milhões de vítimas no Século XX ainda há gente matando para compreender o que seja socialismo e a forma de construí-lo!

Seguimos com Deng: "a principal tarefa do socialismo é desenvolver as forças produtivas. Porém, nós atuamos muito mal no desenvolvimento das forças produtivas. Isso porque tivemos pressa demais, adotamos políticas de esquerda e o resultado foi que, em vez de acelerar o desenvolvimento das forças produtivas nos o atrapalhamos". Recorda a penúria da população na década e que "de 1959 a 1961 a população não tinha comida, para não mencionar outras coisas."

Numa sinceridade atroz ele define a Revolução Cultural do Partido Comunista que durou 10 anos a partir de 1966 como "desastre para a China". Bateu duro na tese sobre socialismo e comunismo Gang dos Quatro ("melhor ser pobre no socialismo do que rico num regime comunista") que somente "gerou pobreza e estagnação."

No poder, seguiu a lição de sua frase famosa: "Pouco importa a cor do gato desde que pegue o rato". Foi se cercando dos instruídos, gente assustada com o desastre maoísta e se livrou dos vermelhos, fanáticos da esquerda maoísta. Mandando às favas a tese esquerdista de socialismo e comunismo Deng Xiaoping cria o socialismo de mercado, abre o país para o capital mundial, estimula o lucro como motor do progresso, faz da China a segunda potência econômica do Planeta que fala alto porque tem muita grana na guaiaca, especialmente os seguidores de Mao que deixaram de ser comunistas!

No Brasil, Levy, a exemplo de outras partes do mundo onde a esquerda...

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Quem paga o pato?

Que tempos, que costumes!

Vivemos, nós aqui da Pátria amada, salve, salve numa eterna montanha russa. Quando achamos que vamos pro beleléu alguém mostra luz no fim do túnel, a esperança renasce, o otimismo volta e gente respira fundo e vai em frente. Agora, porém, essa luz no final desse interminável túnel mais parece trem correndo em nossa direção e lá se foi o otimismo por água abaixo. Estamos de novo em busca da saída.

Nos últimos 13 anos o canto da sereia dizia que a gente valia o peso em ouro. Andávamos faceiros como ganso novo em taipa de açude. Saímos pelo mundo a cantar de galo. Queimávamos na fogueira das vaidades. Tudo veio para ficar, isso não mudará nem que a vaca tussa afirmaram peremptoriamente os guias do povo. No frigir dos ovos nos venderam gato por lebre. A máxima "o que é bom dura pouco" nos pega em cheio. E agora José, onde estão os que sabiam fazer a hora?

Quem comandava passou a ideia de que sabia dar nó em pingo d'água. Conhecia perfeitamente o caminho das pedras. Era tudo muito fácil, logo mostraria com quantos paus se faz boa canoa. Tudo firula, faziam cortesia com o chapéu dos outros. Era inevitável, essa gente acabou dando uma de João sem braço. E a barra ficou pesada para quem mesmo? Quem paga o pato? O povo, como, sempre será responsabilizado por algo que não fez, sofrerá as consequências de algo que não causou. E ficará com a impressão de que é mais fácil sustentar um burro a pão de ló do que consertar o País.

Pois é isso mesmo, o sonho vira pesadelo. Aquela mistura de gente que sabia tudo, que podia tudo só arrumou sarna para nos coçar. Afinal, quem pisou no tomate? Quem pisou na bola? Quem botou o carro na frente dos bois? Ficaram jogando água pra fora da bacia – jogaram farofa no ventilador – e agora, após termos sido lírio de campo somos tiririca do brejo. E temos que meter o rabo entre as pernas?

A real é que nossos grandes timoneiros, sob as bênçãos de Lula, vieram com histórias do arco da velha e se tornaram especialistas (mesmo) em lambar bota de graúdo. E, quem diria, faltou saliva! E o bolo abatumou. Tudo desandou, ficaram achando que rabo de porco é saca-rolha e deu no que deu: cavaram a própria sepultura e nos jogaram num mar de lama. O time do Lula fica 13 anos sempre cortando o baralho, sempre dando as cartas, sempre sendo mão, sempre saindo com coringa e pifado por par e ponta e nos joga nessa aflição, nesse caos. De onde saiu tanta incompetência?

A geração da ética e bons costumes que auto assumiu a missão de nos salvar da malandragem quis enfeitar o pavão e num trágico resumo de ópera bufa está ensacando fumaça. Não pode agora chorar lágrimas de crocodilo, não pode. Não pode varrer a sujeira para baixo do tapete, não pode. Não pode porque o povo está com pedra no sapato, tem náuseas desse gosto de cabo de guarda-chuva que não sai da língua e tem traumas por ouvir o galo cantar sem saber onde ele está.

Só para enticar com as vestais de esquerda que nos enfiaram nesse caos, pego frase de um símbolo mundial da direita – Ronald Reagan –: "Política é como o show business: você tem uma estreia fantástica, desliza por algum tempo e acaba num inferno". E quem, sempre, paga o pato?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Ocidente da luxúria deve ser erradicado!

Nos tempos da confirmação da existência de água em Marte o café da manhã, o almoço e o jantar são servidos com gritos de desespero, estrondos de bombas e sangue vermelho jorrando para livrar o mundo do idólatra (na prática, quem pensa diferente). Terror? Desumanidade? Não. Os fiéis seguem o que O Alcorão manda em 9:5: "Mas quando os meses sagrados tiverem transcorrido, matai os idólatras onde quer que os encontreis e capturai-os e cercai-os e usai de emboscadas contra eles".

Estudiosos do Oriente confirmam: "no Islamismo a idolatria é o pecado mais hediondo e deve, por isso, ser combatido com todas as forças e sanções à disposição do verdadeiro fiel". Assim, diante desse de caos que assumiu conotação dramática com o Estado Islâmico não adianta só dizer que a maioria dos islamitas quer a paz. É verdade, a maioria quer vida tranquila com a família, sua fé, mas não dá, simplesmente, rotular de preconceituoso quem tem medo do que acontece e olhe o Oriente assustado!

Estamos diante de fenômeno religioso (nada de econômico?) tão complexo e tão violento que a disputa pelo direito de sucessão legítima do profeta Maomé entre xiitas e sunitas se dá com derramamento de sangue. Se xiitas e sunitas, entre outros eleitos pelo Profeta, se matam friamente entre eles porque deveriam ter piedade de nós – idólatras?

Sim, em nome de Alá se mantam entre si, mas não esquecem os seres dotados de ignorância religiosa (nós), em especial quem se aninha no território chamado ocidente. Esse ocidente do pecado, da civilização cristã, da luxúria, do capital, do materialismo. E nada é por acaso, isso é incentivado por gente letrada, por cabeças de privilegiado QI.

O ativista egípcio Sayyid Qutb que, junto com o iraniano Sayyid Moahmud Telequani e o paquistanês Abu-l-Ála Mauduni estão entre os que, no Século 20, mais estimularam essa guerra santa enxergava "o ocidente como grande bordel, impregnado de luxúria animal, cobiça e egoísmo". Ele estudou nos Estados Unidos e criticou até a cidade de Greeley, no Colorado, pois para eles os gramados bem cortados simbolizavam individualismo impensável. Eis a dica para entender porque tantos marxistas e gente de várias tonalidades de esquerda apoiam essas insanidades contra o Ocidente!

Isso gerou o tenebroso Estado Islâmico, que é organização terrorista, mas que não é só organização terrorista, segundo os jornalistas Michael Weiss e Hassan Hassan. O que é o Estado Islâmico segundo esses dois? "É também máfia competente na exploração de mercados cinzentos transnacionais para traficar armas e petróleo. É organização militar competente (...). É aparato de coleta de inteligência capa de infiltrar organizações rivais (...). É uma máquina de propaganda viscosa e eficaz para disseminar sua mensagem e convocar novos recrutas nas redes sociais."

Diante disso, há ou não motivos para temer o que vemos e vem do Oriente?

Outra coisa: quantos governantes de países do Islã, quantos grandes ideólogos, milionários, quantos mulás de respeito, aiatolás de renome, quantos graúdos amarraram bombas em seus corpos e saíram a explodir pessoas? Estranho, só gente simples quer ir rápido para os braços das virgens com lábios de mel no paraíso? Só pobre quer acabar o ocidente devasso? Pega mal chama-los de fanáticos submetidos à lavagem cerebral?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Lula, um protetor astuto

O presidente da Câmara Federal, Eduardo Cunha, do PMDB, está enleado, pois seus inimigos abriram contas bancárias em seu nome na Suíça. Os malfeitores botaram milhões de dólares nas contas só para sacanear o nobre parlamentar. Essa maldade pode até levar a cassação de Sua Excelência por falta de decoro parlamentar.

Nessas horas raros surgem para ajudar os de boa fé pegos em ciada torpe. Mas Cunha tem tanta sorte que o ex-presidente Lula, o cara mais astuto da política decide protegê-lo. No dia 15, diz a Folha de S.Paulo, reunido com a bancada federal do Partido dos Trabalhadores o astuto Lula defendeu a troca do Ministro da Fazenda Joaquim Levy e pediu aos companheiros "política de não agressão" para com o Cunha.

Captaram como age o astuto? Ele sabe mais do que o reles mortal imediatista. O astuto enxerga longe e viu que o melhor para o Brasil é fuzilar o Ministro que arrocha o povo e proteger esse Cunha da oposição. Marina Silva, por exemplo é criticada porque definiu como Pacto da Impunidade essa ação astuciosa de Lula em favor de Cunha.

Em julho, quando a chapa do fogão a lenha do Petarolam esquentou o astuto Lula pegou os líderes do PT e se reuniu com Renan Calheiros, outro do PMDB e saiu dizendo que a ação da Polícia Federal e dos juízes na Petrobrás era "campanha para desmoralizar a classe política." Interessante como a fina flor da política brasileira é bem adubada pelo astuto Lula: Collor, Sarney, Maluf, Barbalho, Cunha, Renan, Zé Dirceu, Delcídio, Vargas, e outros de igual renome que sempre estão enleados com a lei. Pode? Essa turma não lembra, sem maldade, aquele ditado popular "diga-me com quem andas que direi quem tu é?" Mas que coisa, homem da ética se atolou no lixo?

Ao avaliar tal quadro matutar sobre a multidão que adora Lula e outros tantos que choram desencantados pelo que se tornou. Nisso dei de cara com frase que tem muito com o Brasil de hoje: "Nada provoca mais danos num Estado do que homens astutos querendo se passar por sábios". Quem fez tal afirmação? Está lá na Wikipédia, o senhor Francis Bacon – político, filósofo, ensaísta inglês que viveu entre 1561 e 1626, tido como fundador da ciência moderna.

Creio que influenciado por essa oposição danosa a leitura da frase de Francis (notaram a intimidação?) nos provoca a tentar distinguir que é um o astuto e o que é um sábio. Afinal, o que é um cara sábio? Também está lá Wikipédia: "é aquele que sabe muito, que tem extensos e profundos conhecimentos; erudito." Tá bom, tá bom, e o que é um cara astuto? Está lá, também: "astuto é aquele que sabe agir de maneira a angariar para si vantagens e a não se deixar enganar; esperto, matreiro".

Sobre essa questão de sábio e velhaco, opa, astuto, encontrei provérbio que diz: "O homem sábio conhece tudo, o homem astuto conhece todos". Sacaram? Conhece todos, dos mais humildes aos mais poderosos! Outro dito: o astuto é como a onda do mar, segue a força da maioria, mas o sábio é firme como a rocha. O ultimo: "o sábio aproveita o tempo, no entanto, o astuto trama embustes".



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

A tristeza nos faz repetitivos

Alguns leitores têm razão: somos repetitivos ao desancar a turma que governa, especialmente quem se dizia de "esquerda" e age, no poder, como a "direita" mais ignóbil. Essa arenga da repetição e outros defeitos afloram quando estamos desiludidos. Às vezes até nos tornamos chatos. O que fazer, diante das limitações? Principalmente quando, assim, sem mais nem menos, jogam no lixo as expectativas de uma geração. Sei, sei, ninguém é santo, para precisavam emporcalhar tanto?

1) Nessas horas recorro do termo vestal que usávamos para aborrecer os caras de "direita" que, em nossa opinião, diziam uma coisa e faziam outra. A mulher virgem, casta, consagrada à deusa romana Vesta, encarregada de velar o fogo sagrado perpétuo de seu altar tornou-se, na real, dona de bordel sem querer perder a fama de imaculada. Sim, as vestais nos governam e os cegos teimam em não enxergar a mudança.

2) O nome de guerra do cara era Alfredo. Ele me levou à Vila Euclides, em São Bernardo dos Campos, para apresentar aquele que seria um dos políticos mais influentes do País, o Lula. Alfredo, que fugira daqui do Sul para escapar da repressão que o AI-5 esquentara, já falava no tom da devoção sobre o líder metalúrgico. O que se faz numa hora dessas? Aumenta a pauleira sobre a "direita", claro!

3) A elite brasileira, concluímos num sábado em sala da Faculdade de Filosofia – hoje é a Faculdade de Medicina – é tosca, atrasada, típica de sociedades agrárias como a nossa dos anos 60. O que mais condenávamos na elite – além da faceta ideológica – era a falta de ética, o padrão de corrupção que impunham para se perpetuar no poder mantendo o povo dócil às suas migalhas. Pois é, "esquerda" que levaria a elite de "direita" ao paredão pela corrupção, faz o que, mesmo, desde que chegou ao poder?

4) Caso a gente não fuja do debate sifilítico do militante que obedece religiosa e cegamente o "centralismo democrático", que sempre justificativa seus erros (Lula diz que as pedaladas foram necessárias para ajudar os pobres) com cara de pau, corremos o risco do jovem de hoje perder a noção do real. Se esses jovens forem tão tolos como fomos (olhe que tivemos o benefício da dúvida dado pela ditadura) e caírem no canto da sereia serão só massa de manobra de quem adora dogmatizar o papo. Para fugir do papo esquelético de militante é impossível não cortar na própria carne.

5) Há lição simples que pouco aceitam pelo preço a ser pago: quando rompemos com algo corremos o risco de jamais estabelecer novos laços e isso é difícil de suportar numa sociedade de profundo senso tribal. É inevitável sermos vítimas das escolhas, mas não é mentalmente saudável permanecer reféns delas quando o engano fica claro. Tudo é tão constrangedor no envenenamento da mente que há professor ainda incensando os genocidas recentes como se os fatos cruciais do Século 20 se resumissem ao nazismo.

6) Por que será que a utopia sempre morre ao alcançar o poder? Notaram esse fenômeno? A utopia se espalha, contamina, emociona, recebe apoio das massas e tão logo se instala no poder se mata! Ou matam ela?

7) É megalomania: às vezes acho que ser repetitivo pode impedir que os de hoje percam as suas esperanças em dias melhores Brasil. Nada pior do que ouvir, agora, da boca do desiludido, que "esquerda" e "direita" é tudo igual, que nada mudará. Tristeza ouvir isso em ambiente democrático pós ditadura.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Lula e a mentira de perna curta

1) "Nós ganhamos as eleições com um discurso e, depois das eleições, nós tivemos que mudar o nosso discurso e fazer aquilo que a gente dizia que não ia fazer. Esse é um fato, esse é um fato conhecido de 204 milhões de habitantes e é um fato conhecido da nossa querida presidenta Dilma Rousseff", disse Lula em discurso a dirigentes do Partido dos Trabalhadores durante reunião do diretório nacional. Se Lula seguisse seu padrão de fala curta e grossa com que ataca adversários, diria, simplesmente: "nós mentimos para poder ganhar a eleição"

2) Muitos afirmam que é mais fácil fazer as pessoas acreditarem numa grande mentira dita muitas vezes, do que numa pequena verdade dita apenas uma vez. Esta frase é do Ministro da Propaganda Alemã Joseph Goebbels no Terceiro Reich.

3) Pinóquio é um boneco de madeira que ganha vida. O amigo grilo aconselha a não se meter em confusão, mas ele não ouve a sugestão. Para esconder suas ações, mente ao seu criador, o bondoso Gepeto, e a cada mentira, o nariz de Pinóquio cresce.

4) Víctor Lustig foi um famoso golpista do início do século XX que nasceu na República Tcheca, fluente em vários idiomas. Ficou mundialmente conhecido por ser o homem que vendeu a torre Eiffel duas vezes.

5) Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901), um dos maiores pintores do mundo também entrou para história por causa de um dom menos nobre. O artista mentia tanto e com tanta frequência, que nos bares da boemia parisiense diziam que seu talento com as lorotas era tão grande quanto com os pincéis. A baixa estatura do pintor, causada por um defeito que prejudicou o crescimento das pernas, somada às suas mentiras, originou o famoso ditado "mentira tem pernas curtas".

6) Thomas Sowell, economista da Universidade de Stanford, nos EE.UU, afirmou: "O fato muitos políticos de carreira serem mentirosos descarados, compulsivos não é apenas característica inerente à classe política; é também reflexo do eleitorado. Quando as pessoas querem o impossível, só os mentirosos demagogos podem satisfazê-las. Porém, quando a realidade se impõe e os efeitos econômicos de medidas populistas começam a cobrar seu preço, os eleitores finalmente percebem que foram enganados. E então começam a reclamar que os demagogos os enganaram e venderam ilusões."

7) Honoré de Balzac, político e escritor francês (1799-1850) disse: "Existem dois tipos de história mundial: uma é a oficial, mentirosa, própria para as salas de aula; a outra é a história secreta, que esconde a verdadeira causa dos acontecimentos"

8) Abraham Lincoln, ex-presidente dos Estados Unidos (1809-1865), tem uma frase célebre: "Pode-se enganar a todos por algum tempo; pode-se enganar alguns por todo o tempo; mas não se pode enganar a todos todo o tempo."

Passeio em tempos diferentes da história revela que sempre houve preocupação com a mentira. Lula, et caterva, nada inventou. Apenas seguiu o padrão que condenava nos discursos e que prometeu acabar quando chegasse ao poder. Hoje não há prazer em ver no que ele se tornou. Quem esteve no campo de luta fica triste ao constatar que o pretenso gigante não passava de pigmeu falastrão. Lula bota na lata do lixo a esperança que levou gente a lutar, ser presa, torturada e até morrer para dar fim à ditadura militar.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Fascismo X comunismo

O bate-boca foi feio. João esbraveja: "você não passa de um comunista safado". José retrucou: "você é um reles fascista". Hilário? Claro que não, os dois realmente trocavam ofensas com os rótulos de fascistas e comunistas. Em pleno Terceiro Milênio.

Quando corria os anos de 1960, momento que o mundo parecia estar sendo posto de pernas para o ar, fascista era o cara de direita (Mussolini foi chefe dos mais famosos da estirpe) semeando ditaduras para dominar as pessoas a ferro e fogo. Já comunista era o cara de esquerda, libertário (chefes famosos da estirpe sobravam: Mao, Stalin, Lenin, Fidel, Pol Pot) disposto a construir uma sociedade mais justa.

Só para ilustrar: quando queríamos deixar alguém sem jeito – no bar, na sala de aula, no grêmio estudantil, no centro acadêmico – rotulávamos o vivente de fascista. Tiro dado, bugio deitado, o cara era tido como demônio pelos circundantes. Para inibir, desmoralizar, esse rótulo era batata.

Para ilustrar ainda mais nosso papo recordamos que os dois "ismos", mais franquismo, nazismo, socialismo, salazarismo foram criações da Europa civilizada que melhor pensava, filosofava, estudava. Gente fina, mesmo, só no Velho Mundo. O pé de chinelo, o analfabeto, o bárbaro estava no Novo Mundo. Quem tiver paciência verá que no século passado essa gente final foi quem mais se matou covardemente.

Agora, quando corre a década de 2010 o rótulo de fascismo parece ganhar novo vigor frente a acontecimentos complexos como os efeitos do terror, por exemplo. Parte da Europa – França, Alemanha e Inglaterra principalmente – teria aderido ao fascismo. A tese ganha vigor de parte da chamada "nova esquerda" que não se dá o trabalho de avaliar os trágicos resultados das experiências socialistas/comunistas do século 20 e fala como se nada tivesse a discutir a respeito.

Assim, nada mais natural do que rever o que, afinal, foram os dois "ismos" que produziram uma enxurrada de teses e hediondas tragédias. Para início de conversa, dá para dizer que fascismo e comunismo são irmãos gêmeos. – Obviamente que não univitelinos, mas, sim dizigóticos. Mas gêmeos. As pequenas diferenças estão no fato de que os comunistas apostam no proletariado contra a burguesia, os fascistas no Estado contra o indivíduo; os comunistas massacram os capitalistas e os fascistas os opositores.

No mais, no cotidiano, a coisa anda parelha na receita de ambos: 1) nada de democracia; 2) nada de eleições; 3) a existência de apenas um partido, com o que todo e qualquer opositor é eliminado; 4) um chefe com poderes imperiais, quando não divinos, para comandar a nova elite dominante; 5) disciplina de ferro para o povão inculto; 6) monopólio da imprensa; 7) economia estatizada; 8) controle absoluto sobre o que é ensinado em sala de aula; 9) o judiciário é montado pelo partido único em ação; 10) ordenamento jurídico elaborado de cima para baixo de acordo com o chefe.

Com mais paciência acharemos outros fatores de semelhanças. E constataremos que o criminoso fascismo foi usado para consolidar a perspectiva comunista, cujos genocídios encabulam os fascistas fanáticos. Eis algo monumental: a civilizada Europa, horrorizada com os crimes do fascismo produz o comunismo, que matou muito mais. Aplicou às avessas a teoria que produz o soro antiofídico.

O século 20 será sempre lembrado pelas experiências do fascismo totalitário e do comunismo totalitário. Ambos surgem prometendo o paraíso e nos contemplam com caldeirões de maldades de dar inveja aos administradores do inferno. E por que há essa recusa em analisar de frente, especialmente para a nova geração de jovens idealistas, o que isso tudo significou? A covardia intelectual parece estar passando dos limites. Desse modo João e José permanecerão surdos e cegos aos novos tempos e ainda ficarão roucos discutindo o sexo dos demônios.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Matando os pecadores: no rumo do Juízo Final

Sobre o terror em Paris a expressão "acabar com o pecado" surgiu para justificar a matança na boate. Exagero? É uma opinião! Entre nós brasileiros muitos minimizaram os fatos gerados pelo Estado Islâmico na França como sendo frescura da imprensa tupiniquim comprometida com os Estados Unidos que deveria dar mais atenção aos que morrem nas filas do SUS! Exagero? É uma opinião. Alguns foram mais longe a aplaudiram a operação terrorista. Definitivamente vivemos num mundo sem qualquer tipo de unanimidade.

Sobre pecado recorro o escritor Mircea Eliade em seu estudo sobre as religiões: "todas as definições do fenômeno religioso mostram característica comum: à sua maneira, cada definição opõe o sagrado e a vida religiosa ao profano e à vida secular". A pepineira, o drama, os problemas, as dificuldades começam quando se trata de definir objetivamente a esfera da noção de "sagrados". As dificuldades são imensas tanto nos aspectos teóricos quanto de ordem prática, pois "a morfologia do sagrado é inconstante".

Seremos repetitivos: como algumas regiões/religiões tratam o albino (o ser humano que a natureza não aportou na sua pele, olhos e cabelos quantia adequada de melanina)? Na África, por exemplo, ainda tem quem acredite que beber sangue do albino ajuda ganhar dinheiro. Quer dizer, o sangue do albino é sagrado? Como algumas regiões/religiões se manifestam diante dos anões? Como outras tratam (ou tratavam) quem apresenta qualquer defeito físico? Estes não escapavam de terem sua deficiência relacionada a castigos divinos, aos maus espíritos, ao demônio, às bruxarias.

Como vemos, a noção do sagrado, em não poucos momentos, significa tratar alguns com extrema crueldade.

Quem entra numa boate não está, no mínimo, tangenciando o pecado? Para adensar essa perspectiva pecaminosa se trata de boate localizada em Paris?! Cidade luz, cidade do pecado? Sim, ao longe, aquelas luzes, aqueles movimentos de toque sensuais, o suor brotando, música provocante, a mente viajando, os corpos se eriçando, a libido pronta para brotar, tudo isso não é ambiente densamente pecaminoso? Sim, "acabe-se com a ousadia do profano enfrentando o sagrado"?

E quando, para agravar, estamos diante dos infiéis? O que fazer com aquele que não é fiel, que não segue os mandamentos? Não há Senhor Todo Poderoso dos Céus que suporte tanta afronta. Pecadores e infiéis!? Nesse território pantanoso, movediço, que vai definindo, em cada recanto, o que é sagrado e o que é profano, não há quem (Alá, Jeová, Tupã, Gucumatz, Olodumare, Deus) consiga não extravasar toda sua santa ira sem alguns efeitos colaterais.

E quando, para agravar muito mais, a arrogância dos que se dizem ungidos pelos céus com a missão de preservar tudo o que for sagrado se mistura (inconscientemente?) com o profano poder político terreno, com o mundo profano do dinheiro, com ideologias cegas e profanas?

Mais, o que poderá acontecer quando o invejoso, o ignorante, o ressentido, o recalcado, o mal resolvido, o mal amado, o perturbado, acaba dando suporte universal a essas feras travestidas de salvadores do bem que caçam pecadores em todos os recantos do Planeta? Duvido que alguém tenha resposta pronta, entretanto uma coisa é certa, nesse caos não terá vida curta, pelo contrário. Paris é apenas outro episódio na rotina de caça incessante aos pecadores, no caso em pauta, dos pecadores do Ocidente e que o pessoal do Estado Islâmico denomina como "Guerra Santa" que culminará, finalmente, segundo esses dementes, no Dia do Juízo Final...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Passo Fundo: limpa seria muito mais bonita

Passo Fundo é uma cidade bonita. É minha opinião. Gosto daqui. Meu afeto por ela nasceu no momento em que aqui aportei ainda no início dos anos de 1960. Sempre que oportuno e posso faço declarações de amor à cidade. Não temos muito para dizer estonteante, mas há o suficiente para tê-la como bela, acolhedora, simpática, amada. E nela viver com conforto. Tem algo de bairrista nisso? Na dose certa o bairrismo até pode fazer bem e meu bairrismo aumentou após percorrer praticamente todo o território gaúcho: não troco Passo Fundo por nada. Sou conservador.

Minhas andanças no jornalismo e na política possibilitaram captar um pouco daquilo que podemos definir como *Genius loci*, termo latino que se refere ao "espírito do lugar", algo complexo quando temos na mente que esta é ainda é tida como "terra de passagem". Aliás, eis é uma contradição interessante: a terra de passagem cresce ao ponto de aglutinar aqui perto de 200 mil que deveria ter seguido viagem!? As coisas são assim, nada lineares. Hoje não sei, mas num passado pouco distante o melhor instante para captar esse espírito do lugar era à noite. Já disse isso em outra abordagem...

Outro dia, para cutucar o espírito, percorri a cidade. Fiz isso várias vezes, afinal, nosso *Genius loci* não é apenas ser noturno. A Avenida Brasil percorri lentamente de leste a oeste. Cruzes, se cuidássemos dela como Guarapuava, por exemplo, cuida de suas avenidas, a nossa seria cartão postal nacional. Quantas cidades possui uma Praça Tamandaré com igreja com a carga histórica da nossa Matriz da Conceição? Mesmo com as mutilações a que foi submetida permanece cheia de charme e, de modo especial, no inverno faz inveja a cartão postal europeu. E a nossa Praça Marechal Floriano! Em qualquer país europeu o recanto do Chafariz da Mãe Preta seria atração internacional. E a Praça Capitão Jovino? Finalmente as famílias usufruem dela. Talvez uma maquiagem barata na Praça da Mãe, a começar pela recolocação das placas alusivas, devolva a ela a beleza e a importância que merece.

Em boa hora a Prefeitura decidiu levar em consideração aspectos estéticos que também fazem parte da vida saudável da população. Sensibilidade de mulher, da Ana Paula, ali no Planejamento? Sensibilidade dela e/ou do Luciano é o de menos, neste momento o que importa é que o Banhado da Vergueiro será mais útil, a Gare recebe (justiça se faça aos administradores anterior) nova intervenção, a Avenida Rui Barbosa receberá, finalmente, atenção altura da sua importância. A Praça Marechal Floriano foi melhorada embora teimemos (nós, o povo) em não cuidá-la.

Esqueci algo? O fato é que estamos cheios de outros escaninhos que podem se tornar nichos de prazer para quem perdeu o contato com a natureza pela urbanização. Ah, sim, tem a Invernadinha que o futuro, de joelhos, agradecerá ao presente. Vamos, com muita dor, perder a área nobre do antigo quartel! Com a desculpa de trazerem algo nobre (chantagem emocional?) cometem crime que o futuro ainda cobrará do presente. Crime que todos nós deixamos acontecer por diferentes motivações.

O que desejo registrar é que Passo Fundo é bela, cheia de encantos e que nosso maior problema é a limpeza. Ou a sujeira! Por que não conseguimos mantê-la limpa? Com certeza Passo Fundo seria mais bonita se fosse limpa e isso, ao contrário do mar de lama em Mariana, do terrorismo em Paris, do altíssimo índice de homicídios no Brasil, depende apenas de cada um de nós. Tá certo, tá certo, vamos dizer que a Prefeitura tem deficiências nessa área, mas eu pergunto: "é Prefeitura que encheu, por exemplo, de sujeira a Praça Tamandaré no último sábado à tarde?"



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Quantos crimes cometidos em nome dos trabalhadores?

Um professor de história postou na internet: "No dia 8 de novembro de 1793, Manon Roland, também conhecida como Madame Rolan, foi guilhotinada a mando dos fanáticos jacobinos. Antes ter sua cabeça cortada, teria dito:

Ó liberdade, quantos crimes cometem-se em teu nome".

Adiante, o mesmo professor comentou: "Não seria despropositado parafraseá-la em relação ao que está acontecendo no Brasil: Trabalhadores, quantos crimes cometem-se em teu nome." Tudo isso surgiu pelo fato estarrecedor de um senador da República, Delcídio do Amaral, do PT, em pleno exercício do mandato e líder do governo parar na cadeia, por determinação da mais alta corte do País.

Bem observado, professor: nunca se roubou tanto em nome dos trabalhadores, nunca se corrompeu tanto em nome dos trabalhadores, nunca se mentiu tanto em nome dos trabalhadores como acontece atualmente com a altíssima cúpula do Partido dos Trabalhadores também vendo o sol nascer quadrado (ressalto cúpula porque é injusto colocar toda militância, todos os filiados nesse mesmo saco).

Sim, esse bando (não lembra uma quadrilha?) comandado por Lula não inventou a corrupção no Brasil, afirmar isso, como os fanáticos petistas gritam, é um disparate é chover no molhado. A corrupção vem de longe, mas nunca antes tivemos um grupo tão grande agindo de forma tão organizada, tão articulada, botando a mão no dinheiro público com tanta eficiência e avidez como este. Pois é, justamente o grupo que jurou de pés juntos que desejava o poder para acabar aquilo que só vem reforçando e ampliando, ou seja, a corrupção.

Pego 1988 porque estava lá. Percorríamos a região em busca de votos e a cantilena de alguns neófitos petistas mais radicais (justos alguns que estiveram bem moderados durante a ditadura, estão lembrados?) começaram a encher as burras de votos bradando contra a roubalheira, a corrupção, a falta de ética vigente em nossa Pátria amada. Depois, numa sandice sem precedentes, mal se instalam no poder e começam a botar a mão nas burras para trocar votos por grana, por sonante, pelo faz me rir, pela bijuja, que afinal ninguém é de ferro.

Outra coisa: em nome dos trabalhadores o senhor Luiz Inácio Lula da Silva, sem qualquer vergonha, pejo, remorso, se alia, se cumplicia, se articula, se agacha, se submete, torna-se mandalete, transforma-se em garoto de recado dos maiores e mais poderosos empresários do País, justo aqueles, comprova-se agora, que gostava de colocar os governantes de plantão de quatro a seu serviço. E como se explica que as figuras mais relevantes do time de Lula estejam em cana? Que a maioria de seus grandes amigos estejam envolvidos em tramoias ou em cada? Como se explica que seus familiares esteja, sendo investigados. Como pode um homem tão ilibado ter tanto azar com seus comparsas, amigos e familiares?

O futuro deverá marcará este nosso como um dos períodos mais tristes da nossa história. Um período em que a utopia de uma geração que deu o próprio sangue, a própria liberdade, contra o arbítrio foi posta a serviço de um falastrão. Um falastrão construído pela ingenuidade embutida na própria utopia, pela cegueira da Igreja Católica, pela preguiça dos intelectuais que se recusam a pensar porque isso dá muito trabalho e pelo fanatismo cego que sempre nos coloca à beira do abismo.

Pois é, trabalhadores, quantos crimes se cometem sem seu nome?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Causadores do impeachment!

Está na mesa o processo que pode impedir a presidente. Surpresa? Nenhuma. Depois de tanto debate sobre essa possibilidade acho brabo alguém ter ficado supresso com a atitude do presidente da Câmara, Eduardo Cunha (que pode se esfumazar antes ou mesmo sumir sem sua desafeita caia). Como se trata de questão política a surpresa virá se Dilma Rousseff for impedida.

Mais, impeachment, não é golpe. Está na Constituição. É da nossa democracia. É o remédio (mais amargo) que o presidencialismo possui (no Parlamentarismo troca-se o primeiro ministro desacreditado sem trauma) para dar fim a um governo que deixou de funcionar. As pessoas podem ser contra ou a favor da sua aplicação, mas dizer que se trata de golpe é mistificar e prestar um desserviço à macro política brasileira. E dizer, como a intelectualidade tupiniquim está fazendo, que tudo nasceu pela rixa do deputado corrupto com a presidenta é zombar da nossa inteligência. É covardia histórica.

No parlamentarismo jamais deixariam a situação alcançar o estágio que assomou neste momento o Brasil. Estamos a mais de ano sem governo. Um surto de paralisia tomou conta do Palácio do Planalto. Lá ninguém se entende ao ponto dos maiores opositores da presidente ser de seu próprio partido. O governo quer e precisa ir para um lado, mas seu partido (PT) quer ir para outro. Qual resultado disso? Uma economia que cresce como rabo de cavalo e desemprega a galope. Isso é desgoverno.

O governo empacou. Quem ganha com isso? Assim, independente do resultado, o impeachment, pode nos livrar desse atoleiro em que o próprio governo se enfiou. Se a presidente ficar ela, finalmente, pode ter as condições de começar seu segundo mandato com força política. Se cair, quem entra vai ter que mostrar serviço.

É bom dizer que a crise atual tem raízes na forma como a presidente Dilma Rousseff ganhou a eleição, pois afeta o nível de confiança da população. Segundo o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o tutor presidencial, "todos sabem que a Dilma se elegeu mentindo." Não é a oposição dizendo que mentiram; quem diz que "mentiram" para ganhar é o comandante, é o chefe de todos. Um governo que se elege mentindo tem condições de governar?

Mais ainda, esse banho de corrupção que o grupo político que nos governa a quase 14 anos nos oferece a cada dia, afeta, com certeza, o clima de governabilidade. Essa roubalheira sem fim se aprofundou e começou a ir para as últimas consequências lá no mensalão do Lula e alcançou a perfeição na Petrobrás. O que a Operação Lava-Jato quer desmontar é o dedo na moleira de quem nos governa porque na vida pública a questão da ética pode ter peso semelhante ao do encher o bolso com grana pública.

Assim, definir como golpe o impeachment, como propagam grandes e pequenos porta-vozes do lulo-petismo, é querer lavar as mãos das responsabilidades pelo caos econômico, político e ético imposto ao Brasil. Até porque, é bom lembrar, nunca antes governantes iniciaram com tanto apoio do povo, seus mandados como Lula e Dilma. Com o que não é possível esconder: o impeachment é resultante de um tiro no pé que os atuais governantes se aplicaram.

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Num dia de rodeio

Logo que entro no Parque da Roselândia, local do 17º Rodeio Internacional de Passo Fundo, visualizo um negão e um branquela (soube ser descendente de poloneses) vestidos como manda o figurino gaudério proseando com desenvoltura. Tem algo mais impensável? Antes das molecagens do Barbosa Lessa e Paixão Cortes com sua turma do Colégio Júlio de Castilhos, de Porto Alegre, nos idos de 1947, algo assim nem pensar. Foram os polêmicos Centros de Tradições Gaúchas, disseminados pelo território brasileiro e até no exterior, que produziram tal fenômeno.

Fui anotando: com o traje de gala que identifica o gaúcho de hoje estavam ali, também, homens e mulheres descendente de italianos, alemães, austríacos, espanhóis, de portugueses, libaneses, turcos e brasileiros de todos os recantos. Pensei comigo, essa gente toda que estava desgarrada por força de um destino cruel termina por se encontrar e assumir identidade nova. Como diria o gaudério com meia água nas ventas: o que a crueldade do demônio espalhou Deus juntou, aqui no Rio Grande, dentro do CTG.

Ai pensei comigo, tem algo mais universal do que esse gaudério inventado ou não por Lessa e Paixão? Quem quer saber o que é globalização que venha para nossos pagos. Uma visualização rápida nos passantes se dará conta de que, não faz muito, aqui só tinha o índio pelado, sofrendo um eito no inverno rigoroso. Ai foram importando de tudo: bombacha (da Turquia ou Ilha da Madeira), botas (criadas quando Atila invadiu a Mongólia), esporas, carroça, lenços, alpargatas (que teriam origem nas sandálias egípcias), gaita, violão, bumbo leguero, chapéu, vacas, cavalos, ovelhas. Da indiada guapa daqui pegaram boleadeiras, chiripás, a *ilex paraguariensis* para o chimarrão. A seguir importaram o rodeio dos colonos norte-americanos (copiado da Espanha) e foram se divertir que ninguém é de ferro. Ah, sim, dizem que a coisa mais autêntica nossa, coisa da terra, é o vestido de prenda, que foi sendo aperfeiçoado aos poucos.

Resumindo: no Rio Grande do Sul (e Passo Fundo, lógico) primeiro foram os dinossauros, depois os índios, adiante os desgarrados desse mundo velho sem porteira expelidos pelas contradições da dialética que os esmagavam e, finalmente, uma espécie de mínimo denominador comum: o CTG. O processo cultural tem disso, ou seja, ele se mexe como a água que contorna qualquer obstáculo para ir em frente e se refaz em algo novo logo que encontre um escaninho de paz por alguns momentos.

O fantástico do rodeio gaudério é que ninguém sabe seu destino. O processo cultural tem dinâmica própria e quem for escrever sobre o CTG dentro de alguns anos acrescentará ao que citei mais toda a nova tecnologia da qual o celular é símbolo. Os gaudérios já estão na internet, alguns trocam costela gorda por uma pizza de calabresa, ou por "Xis" da Tia e o trago de cana foi substituído por caipirinha de abacaxi ou por algo mais forte na Casa do Capeta. Adoram um krep's suíço e os tais de churros, que a modernidade é modo contínuo. Em dia de rodeio o picolé é de última geração, a prosa pode ser no Bolicho 007, ou no Master Lanche e as compras no Armazém sobre rodas do "Tio Ninin", a loja mais campeira do Brasil. O que acrescentarão à gineteada, ao tiro de laço, à dança dos facões, à trova só Deus sabe.

Não se fazem mais rodeios como antes? Não me arrisco a tal pergunta!

Claro, como captou o Teixeira com seu agudo olhar, quem quiser conhecer as prendas mais lindas do mundo tem que visitar Passo Fundo. O que tem de mulher linda, elegante, charmosa e inteligente aqui nesta terra abençoada não está no gibi. Num dia de rodeio, então...



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Tristes figuras do alegre bando da esquerda latina

Alguma praga persegue a América do Sul? Lá na do Norte até o México garrou jeito! E aqui? Não faz muito vários países estavam sob tiranias de direita. Aos poucos o vento da democracia sopra para além-mar o que definíamos como direita retrograda e nos contempla o novo porvir trazido pela esquerda redentora.

O tempo passa e a gente parece acordar de outro pesadelo. Novo porvir? Pura baboseira, como se vê e se viu em todos os continentes onde andou imperando. Aqui também o alegre bando da esquerda posa numa fotografia triste para a história.

O vazio deixado pelo cansaço da direita e seus horrores foi preenchido pelo salvador da Pátria de esquerda, arauto da nova ética, com euforia. Como representante de nova era, agora trazida pela tal esquerda ele foi se instalando no comando de nossas republicas e enchendo de esperança até os mais avisados.

Muitos entram em orgasmo quando o bispo Fernando Lugo chega à presidência do sofrido Paraguai. Hoje o caricato ex-presidente é mais lembrado por suas façanhas de garanhão com submissas assistentes que as emprenhava literalmente, do que por algum legado ao sofrido povo vizinho.

Na Venezuela Hugo Chaves e agora Nicolás Maduro fazem pior do que a pior direita. Num país sem papel higiênico (mau habito da elite ambientalmente depravada?) Chaves deixa a filha Maria Gabriela entre as mais ricas da Nação e Maduro, após ferrar a economia e acachapante derrota eleitoral (até com sacanagens aos adversários) vai à TV desejar que Mauricio Macri, novo presidente argentino, se estrepe. Tem algo mais grotesco? Um cara desses é mentalmente sadio? Mas assim é o Maduro que a esquerda tupiniquim brasileira não cansa de aplaudir.

Na Argentina do populismo movido a biruta de aeroporto Cristina Kirchner, aprendiz de Evita Peron, gasta milhões para reformar um banheiro presidencial (com mármore de Carrara, mas sem água quente) não passa o comando ao sucessor eleito legitimamente; e proíbe que o vice derrotado vá conversar com ele. Seguindo fielmente o figurino de Chaves, Maduro e Fidel, sai do poder com fortuna vinte vezes maior do que aquela que tinha antes de assumir. A nova mãe dos pobres argentinos aumenta sua fortuna 32 vezes. Esse é detalhe interessante: os governantes de esquerda adoram encher o bolso de grana! Claro, sempre botando a mão no dinheiro dos outros!

No Brasil os líderes dos caras da esquerda que chega ao poder quando o vento soprou a direita, estão na cadeia, atolados até o pescoço na roubalheira interminável. O chefão, Lula, parece gato em teto de zinco quente, pois parte dos principais seguidores, dos principais assessores e de seus melhores amigos está na cadeia por meterem a mão valendo no dinheiro que era para trazer melhorias para a população.

Outra particularidade da esquerda brasileira: quando os erros perpetrados enfiam a economia no buraco nossa esquerda chama banqueiro (tem banqueiro de esquerda?) para consertar o estrago. Que nome se dá a isso? Um só, esquizofrenia. Além de chamarem o banqueiro para arrumar a casa a esquerda passa o tempo todo azucrinando e boicotando o homem. Mais esquizofrenia.

Notaram como a esquerda que vocifera regras na oposição sempre se mostra impotente no poder? Notaram como os caras de esquerda que dizem odiar a elite endinheirada gostam de grana e roubam ao ponto de encabular a direita? Notam como seus líderes adoram amizade com gente endinheirada e poderosa?

Forma ou não forma grupo patético, paisagem triste esse bando de aventureiros que se postou de salvador da América Latina ao se intitular de esquerda?



Ivaldino Tasca

itasca@uol.com.br

Contraponto

Uma curta retrospectiva sobre nossa Passo Fundo

Cheguei aqui quando a cidade dobrava os anos de 1950. No ar ainda tinha cheiro das comemorações do Centenário. A cidade praticamente morria na ponte da Avenida Brasil e dava para nadar no Rio Passo Fundo. E pescar lambari, claro, para, após fritada, sorvê-lo com polenta e vinho. Ao lembrar isso me dei conta que se alguém chegasse e alguns meses depois fosse embora só voltando em 2015 não reconheceria a cidade.

Esse alguém logo sentiria falta do trem que, impávido e elegante, cortava a cidade pela Sete de Setembro. Ao cruzar a Avenida Brasil rumo à Gare – era o point – tinha à esquerda a fábrica de pregos da Gerdau e à direita a tenda de tiro-ao-alvo, cujo dono tornaria a cidade nacionalmente conhecida: Teixeira.

Após a ponte grande era o Jutifício Passo-fundense. Ele, a Brahma, o Z.D. Costi, o Planaltina, a Gaúcha Madeireira, o Ughini, a Lago e Iaione, a Lângaro Bordignon, os Berthier de Almeida, os moinhos – é o que lembro – nos davam suporte econômico.

Nossa população mal passava dos 50 mil e o ex-distrito de Carazinho tinha PIB industrial maior do que o nosso e o ex-distrito de Erechim ganhava no PIB agrícola. Só nos tornamos a maior cidade do Norte gaúcho por causa da UPF que, na época, patinava em meio às nossas contradições e mais parecia sonho de verão.

Foi tempo de costume rígido para gurias: deviam de casar virgens. Namorar era difícil, em regra na sessão das 18 horas dos Cines Real ou Imperial; para pegar na mão ou amasso mais ousado (coisa rara), era de bom tom esperar o início do filme. Hoje as gurias saem de casa para a balada depois da meia noite, naquela época, na mesma hora, as gurias estavam no segundo sono. Para católico a missa dominical, confessar os pecados por pensamento, palavras e obras e comungar eram leis férreas.

Em compensação puteiros abundavam para os guris. Coisa que ainda deve ser estudada! Sim, ficava para trás a estrondosa vida noturna da qual o Cassino da Maroca fora apogeu no auge da exportação da madeira, mas nossa referência como centro de prazer noturno nesta vasta região permanecia inabalável. Aqui, guris e moças de vida fácil custavam a cair nos braços de Morfeu. Na cidade de Norte a Sul, Leste a Oeste não faltava puteiro bem frequentado por jovens e senhores acima de qualquer suspeita.

O desfile da semana da Pátria botava o povo na rua. CENAV, IE, Notre Dame, Bom Conselho, Notre Dame e suas bandas, Brigada, Exército e outros zuniam. Também demos exemplo de civismo quando do Movimento da Legalidade, em 1961, com nossas mulheres confirmando garra ímpar. A mesma garra que as jovens universitárias (com muitos jovens também) tiveram logo adiante na luta contra a ditadura. Ditadura que nos deu registro histórico também porque para cá veio, na hora braba, para continuar no mando o então governador Ildo Meneghetti.

Nas quebradas de 50 para 60 top de linha era o Hospital Municipal, clássico dos nervos Gaúcho X 14 de Julho, obter ingresso para o carnaval no Visconde era sinal de prestígio, o PTB fazia e desfazia, filé no Maracanã era para gente fina, papo quente era no Café Elite, a comunidade judaica era extremamente pujante, a melhor forma de ir a Porto Alegre era pela Varig ou Savag. De ônibus com chuva era fatal: só junta de boi tirava do atoleiro da Garganta dos Polacos. Carro? Um luxo; tanto é que a Benjamin Constant não ligava com a General Canabarro, a Prestes Guimarães morria num campo de barba de bode sem alcançar a Independência, os veículos não subiam a Uruguai a Paissandu, a atual saída para Erechim era de chão batido e ninguém protestava.

Entre os mais poderosos citavam Wolmar Salton, Cesar Santos, Mário Menegaz, na política, Thadeu Nedeff, Zeferino Costi, Nilo Fernandez na economia e o cara dos caras, em prestígio e voz de mando, era Bispo Dom Cláudio Colling.

Foi o que deu para tirar da memória. Feliz 2016 a todos.

Jornalista, membro da Academia Passo-fundense de Letras.